
MINIS/ÉRIO

Uma Revista Para Pastores e Obreiros



AS CAUSAS DA MORTE DE CRISTO

DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

O Ano Internacional da Família

Mil novecentos e noventa e quatro foi designado pela Organização das Nações Unidas, ONU, o Ano Internacional da Família. A maioria dos governos, instituições e outros setores da sociedade terão seus olhos voltados para o tema da família, durante este ano. A instituição familiar será objeto de seminários, palestras, simpósios, leis e discursos. As empresas estarão dispostas a colaborar financeiramente para projetos que têm a ver com a família. Nas escolas e nos colégios, o tema será debatido com o objetivo de conscientizar os alunos sobre a importância da família. As igrejas, sem dúvida nenhuma, também aproveitarão a oportunidade para tratar o assunto dentro do ponto de vista religioso.

E a Igreja Adventista? Qual é o papel que a Igreja Adventista desempenha nesse contexto? O profeta Malaquias, ao descrever a vinda de Deus e os acontecimentos prévios, diz: “Eis que envio o profeta Elias antes que venha o dia grande e terrível do Senhor; e converterá o coração dos pais aos filhos e o coração dos filhos a seus pais.” (Mal. 4:5 e 6).

A Igreja Adventista é sem dúvida nenhuma o movimento profético levantado “no espírito de Elias” para dar a última advertência de Deus ao mundo. Essa última advertência está registrada nas mensagens angélicas de Apocalipse 14:6 a 12, mas o profeta Malaquias enfatiza que o resultado dessa advertência final será, entre outros, que “pais e filhos façam as pazes”, segundo a versão da Bíblia na Linguagem de Hoje.

Ao longo da história humana, a família foi objeto do ataque incessante do inimigo. No Jardim do Éden, ele criou desconfiança entre marido e mulher. Após o nascimento dos primeiros filhos, o inimigo entrou no coração de Caim, para matar Abel, seu irmão. Na época terrível que precedeu o dilúvio, a instituição familiar estava caindo aos pedaços. Os homens levavam o casamento na brincadeira, “casando-se e dando-se em casamento”. Entre as razões pelas quais Jesus veio à Terra estava a santificação da instituição familiar. Mostrou isso ao nascer no seio de uma família bem estabelecida.

Infelizmente, hoje vivemos num tempo quando a instituição sagrada da família atravessa a pior crise de sua história. Nos Estados Unidos, país das estatísticas, de cada 100 casamentos, 60 acabam em divórcio. Dos 40 restantes, 35 não se separam porque os cônjuges envolvidos não têm coragem. Preferem permanecer juntos, devido a pressões sociais, econômicas, familiares ou religiosas. Dos cinco que ainda restam, três são mais ou menos felizes. Apenas dois desfrutam de autêntica felicidade.

Esses dados mudam um pouco na América Latina, onde ainda temos países conservadores, mas ultimamente vemos, quase aterrorizados, como a instituição familiar e o casamento estão sendo levados sem a seriedade que merecem e, às vezes, até sendo vistos como algo obsoleto e que contribui para a rotina, a monotonia e infelicidade em que alguns casais vivem.

Qual é o papel da Igreja Adventista nesse contexto? Para ser mais específico, qual é o papel da igreja que você dirige? Que atividades incluiu no seu programa de trabalho deste ano, tendo em vista ajudar as famílias a desfrutarem da “vida abundante” que Cristo oferece? Como você pensa direcionar as famílias de sua igreja para o cumprimento da missão?

Lembre-se de que, da mesma forma como a chuva é feita de gotas, e cruzeiros são feitos de centavos, a igreja e a sociedade são compostas de famílias. Tais as famílias, tais a igreja e a sociedade. Os princípios cristãos que regem as famílias, e sua conseqüente solidez espiritual, terão seus reflexos na igreja e na sociedade.

Famílias espiritualmente fortes significam igrejas sadias, vibrantes e comprometidas com a missão. Famílias espiritualmente decaídas, são prenúncio de igrejas enlanguescidas, frias, sem brilho, problemáticas, apáticas.

Pense nisso, caro pastor. – *Alejandro Bullón.*

MINISTÉRIO

Uma Revista Para Pastores e Obreiros

Ano 64 – Número 7 – Mar/Abr. 1994 – Periódico Bimestral
Uma Publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia

DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

2 O ANO INTERNACIONAL DA FAMÍLIA

Alejandro Bullón

4 CARTAS

ENTREVISTA

5 “O DISTRITO É O POSTO MÁXIMO DO PASTOR”

Benedito Muniz

ARTIGOS

9 O PERFIL DE UM ANCIÃO

Wilson Sarli

11 CUIDADO, AQUI MORA O PERIGO

Anthony Allen

16 AS CAUSAS DA MORTE DE CRISTO

Horne P. Silva

20 UMA MENSAGEM OCIDENTAL NO LESTE EUROPEU

Borge Schantz

AFAM

26 IDÉIAS ERRADAS

Suzana Schulz

PASTOR

29 ESTES ADMINISTRADORES VALEM MAIS

James A. Cress

32 BIBLIOTECA DO PASTOR

Gerente Geral: Carlos Magalhães Borda; **Redator-Chefe:** Rubens S. Lessa; **Redator responsável:** Zinaldo A. Santos; **Diretor de Arte:** Erlo Köhler; **Diagramação:** Josias Silva; **Colaboradores Especiais:** Alejandro Bullón, José M. Viana; **Colaboradores:** Wilson Sarli, Mário Valente, Jefé Carvalho, Moisés Batista de Souza.
Capa: A. Rios

Todo artigo ou correspondência para a Revista **MINISTÉRIO** deve ser enviado para o seguinte endereço: Caixa Postal 12-2600 – 70279-970 — Brasília, DF.
CASA PUBLICADORA BRASILEIRA
Rodovia SP 127 – km 106 – 18270-000 – Tatuí, SP.

1895

CARTAS

ARTIGO SOBRE UNÇÃO

"Gostaria que a revista MINISTÉRIO trouxesse uma matéria sobre 'unção'. Esse é um tema que às vezes confunde mesmo alguns pastores, oficiais e membros da igreja." – Antoniel Bispo, ancião de igreja em Santo André, SP.

Um artigo sobre o assunto já está em fase de preparo. Brevemente será publicado.

AGRADECIMENTO

"Sou muito grato por receber a revista MINISTÉRIO. Leio, e até mesmo releio, todos os artigos. São da melhor qualidade. Oro para que Deus continue a abençoar os irmãos que fazem a revista." – Kádis Tomás

da Silva, ancião de igreja em Belo Horizonte, MG.

Conforme foi anunciado na edição anterior, *MINISTÉRIO* coloca uma página à disposição dos seus leitores. Todos poderão expressar sua opinião a respeito da revista e dos artigos nela publicados, dar sugestões e fazer ressalvas.

Nosso objetivo é cada vez mais estreitar os laços que nos unem como obreiros na Causa de Deus. E, conseqüentemente, esperamos ter uma revista dinâmica, agradável, bem de acordo com a expectativa de cada leitor.

Portanto, escreva. Participe. Contribua. Todos ganharemos.

“O distrito é o posto máximo do pastor”

Nascido na cidade de Maués, Amazonas, há 39 anos, o Pastor Benedito Muniz concluiu a Faculdade de Teologia no Instituto Adventista de Ensino, em 1988. Desde o início de 1993, lidera o distrito da Igreja Central de Santo André, na Associação Paulistana.

O Pastor Muniz recebeu a ordenação ao Ministério em julho do ano passado. É casado com Maria Helena In-fanger Muniz. Um filho, Leonardo, completa a felicidade do casal.

Mesmo estando em período de férias, concedeu à revista MINISTÉRIO a seguinte entrevista:

MINISTÉRIO: Poderia especificar o momento e as circunstâncias em que sentiu o chamado para ser um ministro?

BENEDITO MUNIZ: Senti que seria pastor quando era um juvenil, ao ver o trabalho dos missionários no Amazonas. Entre outros, posso citar: Aldo Carvalho, que já na década de 60 pregava a Justificação pela Fé, e dominava a Bíblia com rara habilidade; João Wolff, cujas pregações vibrantes, sob as seringueiras, muito me marcaram; Luiz Fuckner, com seu arrojo e ternura; Derly Gorski, amigo dos jovens; foi quem viu em mim o embaixador pastoral e trouxe-me para o IAE, em 1974.



MINISTÉRIO: Hoje, qual é a sensação de ser um pastor distrital?

BENEDITO MUNIZ: Sinto-me realizado. Deus tem Seus servos nas mais variadas funções, conforme seus dons. Mas estar junto ao rebanho é maravilhoso. Para quem ama a pregação, como os

pastores adventistas, aqui é um constante desafio em direção ao crescimento.

MINISTÉRIO: No seu modo de entender, o que é sucesso pastoral?

BENEDITO MUNIZ: É conseguir pôr em ação as forças da igreja. Não centralizar em si o comando da congregação. Saber ouvir e, quando necessário, ter humildade para admitir o erro. O pastor de sucesso está seguro de que sua mensagem semanal edifica a igreja e a mantém ao lado de Jesus. Ele não é inacessível, áspero, impaciente, ou desprovido de ética. Antes, é compassivo, afável e terno, principalmente com os que erram. É amoroso, sem transigir princípios. Não discrimina suas ovelhas. Não perde seus objetivos por causa dos elogios, abraços e outras manifestações de aprovação que recebe, nem devido às carrancas que inevitavelmente surgem em seu trajeto.

MINISTÉRIO: *Ser pastor de uma igreja grande – o que isso significa para o senhor?*

BENEDITO MUNIZ: Sinto-me grato por tantos talentos ativos que amam a Jesus e O servem com prazer. O volume de trabalho é grande, porém, se as forças da igreja sentirem liberdade de ação, o pastor fica liberado para pastorear, e os líderes administram praticamente tudo. Eles querem seu pastor pregando bons sermões, visitando e promovendo o evangelismo.

MINISTÉRIO: *Fale de sua experiência ao trabalhar com os jovens.*

BENEDITO MUNIZ: Somos amigos. Procuramos promover palestras, retiros espirituais, e, de acordo com os talentos que possuem, envolvê-los no trabalho.

MINISTÉRIO: *Qual é o momento mais gratificante do ministério, e o mais espinhoso?*

BENEDITO MUNIZ: O momento mais gratificante é aquele quando o pecador demonstra que prefere Jesus, ao mundo e seus prazeres. Fui ordenado em julho de 1993 e, desde então, o ato de batizar tem sido

um momento de intenso gozo para mim. A pregação também é muito gratificante. Tenho-a como a mola mestra do meu ministério.

Quanto ao aspecto mais espinhoso, eu menciono o momento de conduzir uma comissão para disciplinar ou excluir um membro. Isso se torna ainda mais doloroso quando o motivo é apostasia. Dói mais do que levar um justo ao descanso.

MINISTÉRIO: *O senhor acha que nosso púlpito está carente?*

BENEDITO MUNIZ: Infelizmente não é preciso ser um especialista para concordar. Mas podemos reverter a situação. Para isso devemos, como pregadores, levar em conta três coisas. Primeiramente, precisamos de um relacionamento pessoal e diário com Aquele que ministra por nosso intermédio a

pregação – o Espírito Santo. E isto não é sugestão; é mandamento (ver *Atos dos Apóstolos*, pág. 50, e *Evangelismo*, pág. 66).

Depois, do ponto de vista cultural, o pregador necessita de muito estudo e muita leitura diária. Ele deve ser um devorador de livros. Ter a Bíblia como o centro, juntamente com a literatura do Espírito de Profecia, e a oração como o sagrado hábito da busca do poder e aprendizado.

Finalmente, devemos lembrar que a mensagem adventista é mais que evangélica. É fortemente escatológica. Com a Soteriologia levamos a segurança da justificação e da santificação em Cristo. Com a Escatologia levamos o sentido de urgência.

A Lutero, Deus confiou a Reforma na doutrina da salvação. A nós, Ele confiou a

“A mensagem adventista
é mais que evangélica.
É fortemente escatológica.
Com a Soteriologia
levamos a segurança da
justificação em Cristo.
Com a Escatologia levamos
o sentido de urgência.”

continuação da obra de Lutero, mais o enaltecimento da Lei, como clímax do conflito. É essa mensagem que prepara um povo para a Volta do Rei e que na última hora da Terra vindica o caráter de Deus, vindicando Sua Lei. É uma tarefa tão solene e importante, que, para desempenhá-la o pregador ne-

cessita de corpo e mente fortes e saudáveis. Por isso ele deve ser também temperante.

MINISTÉRIO: *Um calendário de sermões ajuda realmente?*

BENEDITO MUNIZ: Sem dúvida. Um calendário de pregação, seja anual ou semestral, é indispensável. Precisamos ter objetivos na pregação. Particularmente uso um calendário semestral. Por exemplo: num semestre prego todos os sábados sobre o Espírito Santo; no outro sobre a segurança em Cristo. Às quartas-feiras, estudo com a igreja algum livro da Bíblia. Aos domingos utilizo mensagens proféticas, centralizadas em Cristo. O povo tem demonstrado aprovar, vindo aos cultos.

MINISTÉRIO: *Como é realizado o trabalho de visitação pastoral em sua igreja?*

BENEDITO MUNIZ: Contamos com a ajuda das Unidades de Ação da Escola Sabatina e, especialmente, dos anciãos. Eles sempre têm sob seus cuidados um determinado número de famílias.

MINISTÉRIO: *O senhor recebe convites para realizar semanas especiais de oração. O atendimento a esses convites e o trabalho local não representam uma sobrecarga?*

BENEDITO MUNIZ: Na escala de valores do meu ministério, como no de qualquer outro colega, Jesus ocupa o primeiro lugar. Em seguida vem a família, e, então, o trabalho. Quanto a este último item, minha atenção prioritária é direcionada ao meu distrito. Apesar de ser difícil dizer “não” a um convite, saio do distrito só uma vez por ano, conforme designação do Campo ao qual sirvo, a Associação Paulistana.

A família não sofre. Tenho um filho de três anos e oito meses, brincamos juntos diariamente. Às vezes a quantidade de tempo não é grande, mas, graças a Deus, estou seguro de que a qualidade é ótima.

Tudo está marchando sem transformos.

MINISTÉRIO:

Entre evangelismo público e evangelismo pessoal, qual o meio mais eficiente de conquista de almas?

BENEDITO MUNIZ: Ambos têm o seu lugar. Nossos evangelistas fazem um bom trabalho. Mas, segundo afirmam alguns, são uma espécie ameaçada. A liderança da Igreja em seus vários níveis deveria investir em homens que possam continuar a tarefa.

Pelo que tenho observado, os conversos do evangelismo pessoal se mostram mais seguros, apostatam em menor escala. Mas o ideal é a união dos dois métodos.

MINISTÉRIO: *Que métodos utiliza para envolvimento da igreja no trabalho missionário?*

BENEDITO MUNIZ: Treinamento, em primeiro lugar. Depois, os irmãos envolvidos no trabalho são chamados a testemunhar sobre a experiência vivida, e isso serve de inspiração para os demais.

MINISTÉRIO: *Como o senhor explica o fato de que, de um modo geral, a maioria ainda permanece à margem das atividades missionárias?*

BENEDITO MUNIZ: Há dois motivos: primeiro, Jesus ainda não é o fascínio, o motivo maior e interior, para tais pessoas. E, segundo, falta de preparo. “Muitos teriam boa vontade de trabalhar, se lhes ensinassem a começar”, diz Ellen White.

MINISTÉRIO: *E as igrejas praticamente vazias, nas noites de domingo?*

BENEDITO MUNIZ: Aqui, em Santo André, temos uma novidade: o culto evangelístico realizado aos domingos, pela manhã, às 9h00. Há um ano temos o templo sempre repleto. Esta é uma experiência que se ajusta a determinadas igrejas, nas quais existem recursos para uma boa programação, e em lugares onde o povo

tem, no domingo, uma vida social intensa e à noite está cansado.

Verificamos alguns pontos positivos na mudança feita: 1) O povo em geral está predisposto a ir a uma igreja, no domingo pela manhã. É uma ques-

tão psicológica. 2) Conseqüentemente, é mais fácil levar visitas. 3) Os talentos da igreja estão à disposição. 4) O pastor sempre está presente e prega. 5) A Palavra de Deus chega à mente do povo antes da televisão. 6) Pessoas que já não vão à igreja, com medo da violência, têm nova opção. Finalmente, 7) libera-se a igreja para sua vida social e o lazer.

MINISTÉRIO: *Por que tão poucos filhos de pastores ingressam no ministério?*

BENEDITO MUNIZ: Possivelmente alguns ainda não tiveram despertada a vocação, ou mesmo nem a possuem. Há aqueles que se decepcionam ao ouvirem as queixas nutridas pelo pai e pela mãe. Na casa pastoral deveria ser proibido falar mal da Obra, dos membros da igreja, de outros pastores, ou coisa semelhante.

MINISTÉRIO: *Qual a doutrina que*

mais lhe impressiona e por quê?

BENEDITO MUNIZ: É a doutrina da salvação – a Justificação pela Fé em Jesus –, porque ela é o eixo em torno do qual todas as outras giram. Somente ela, quando compreendida, liberta o homem da culpa, do remorso e o leva a adorar o Criador sem medo. Somente ela é que, dando a certeza da aceitação divina, torna a obediência um prazer.

Particularmente, sou grato a Deus por ter aberto os meus olhos, meu entendimento, há sete anos, para essa luz. E, especialmente, por haver-me ajudado a compreendê-la num contexto de “Verdade Presente”, isto é, tal como deve ser apresentada nos dias atuais. Justificação pela Fé, na ótica adventista, tem uma abrangência cósmica. Não estamos interessados só em ver o homem livre da condenação, mas livre dos seus traumas. Queremos ver uma igreja, produto desta mensagem, que esmague as pretensões da Besta e sua imagem; e que reflita plenamente a imagem de Jesus. Que comova os anjos e mundos não caídos. E da qual o Senhor possa dizer, em meio ao conflito final: “... aqui estão os que guardam os mandamentos de Deus e têm a fé de Jesus”. Se o ponto culminante da Justiça pela Fé não for esse, a pregação pode até estar certa, mas incompleta; e não é “Verdade Presente”.

No bojo desta mensagem, estão “as verdades semelhantes”, que diferenciam nossa pregação de uma meramente “evangélica”. Nosso desafio é compreender e pregar a terceira mensagem angélica, integralmente.

MINISTÉRIO: *O que, como pastor, espera dos administradores?*

BENEDITO MUNIZ: Assim como o pastor distrital deve ouvir com atenção as exposições dos membros, também os administradores devem ter a mesma sensibilidade para com os pastores. Especialmente, os mais novos temos necessidade de orientação. Felizmente, em nosso Campo temos sempre ouvidos e corações abertos.

Hoje, os modernos métodos de administração concordam num ponto: aproximação entre líder e liderado. A hierarquia é tão-somente um chamado ao serviço. Cristo já falou disso. Não há mais espaço para o líder arrogante, muito menos para o método ameaçador. Para um pastor consciente tais atitudes não fazem a menor diferença. Direitos e deveres dos

obreiros devem ser expostos com a mesma clareza.

Outrossim, os pastores esperam mais desafios espirituais. Desafios às reformas necessárias. Deus diz que as Associações devem se preocupar com isso (*Conselhos Sobre o Regime Alimentar*, pág. 73). Também esperam ver iniciativa e envolvimento pessoal no evangelismo. Os administradores que possuem um estilo espiritual e evangelístico são homens de intenso labor e merecem nosso respeito.

Finalmente, se um administrador for convidado a assumir, de novo, um distrito pastoral, que o faça desprovido de sentimento de revolta ou complexos. Mas faça dessa volta o renascimento daquela emoção que o envolveu, por ocasião do primeiro chamado. Acho que o distrito é o posto máximo do pastor.

MINISTÉRIO: *Em seu modo de ver, qual é a maior necessidade da Igreja atualmente?*

BENEDITO MUNIZ: O Senhor já disse, através da Sua serva, que a nossa maior necessidade é de “um reavivamento da verdadeira piedade”. E a História nos mostra que os grandes reavivamentos sempre foram precedidos pela pregação autêntica. Assim, creio eu, necessitamos de pregação genuína; aquela pregação com a qual Deus visitou Seu povo em 1888, lá em Mineápolis, para que tenhamos uma igreja viva e desperta; pronta para a consumação da Missão Global.

Diz Ellen White: “O tempo de prova está exatamente diante de nós, pois o alto clamor do terceiro anjo já começou na revelação da justiça de Cristo... Este é o princípio da luz do anjo, cuja glória há de encher a Terra.” (*R&H*, 22/11/1892).

A Igreja precisa da libertadora mensagem da Justificação pela Fé. Este é o privilégio dos pregadores adventistas. Só uma Igreja segura da salvação pode, prazerosamente e reavivada, viver a ética do Rei Jesus, amar e buscar os que perecem.

MINISTÉRIO: *Seu maior ideal como ministro de Deus.*

BENEDITO MUNIZ: Quero contribuir para que em nossos dias vejamos nosso povo, revestido da Chuva Serôdia, cruzar os eventos finais, contemplar o Salvador em Sua formosura e viver a *parousia* do grande Deus.

ARTIGOS

O perfil de um ancião

WILSON SARLI

Presidente da Associação Paulista Central



Leandro

O ancianato não é uma invenção humana. Já nos dias do Velho Testamento, encontramos um momento quando Deus ordenou a Moisés que reunisse “os anciãos de Israel” e lhes falasse da incumbência que lhes fora dada (Êxo. 3:16).

O apóstolo Paulo, certa ocasião, convocou “os anciãos da igreja” (Atos 20:17), exortando-os a atender “por todo o rebanho sobre o qual o Espírito Santo vos constituiu bispos para pastoreardes a igreja de Deus” (Atos 20:28). Vale relembra aqui que, nos dias apostólicos, ancião, presbítero e bispo eram funções equivalentes.

Assim, pois, segundo esta declaração bíblica, podemos dizer com toda a convicção que foi o próprio Espírito Santo, “como o divino administrador da Igreja”, o inspirador

desta função. O registro bíblico a seu respeito, o conjunto de suas sagradas virtudes bem como o modo de proceder no exercício do mandato servem de padrão para a Igreja dos dias atuais.

O cargo de ancião é um dos mais elevados e importantes dentre todos os demais, e de grande responsabilidade. Portanto, no processo de escolha de pessoas para tal função, devemos exercer todo o cuidado e prudência, evitando que certas “forças” e “pressões” influenciem nas decisões de uma comissão. Não devem jamais ser levados em conta parentesco ou amizades privilegiadas, muito menos simpatia e preferências pessoais. Acima de tudo, e em primeiro lugar, devem ser consideradas a idoneidade moral e espiritual do indivíduo.

Tu, dentre todo o povo procura homens capazes, tementes a Deus, homens de verdade, que aborreçam a avareza..." (Êxo. 18:21).

Diz mais a Palavra de Deus: "Escolhei pois, irmãos, dentre vós, sete varões de boa reputação, cheios do Espírito Santo e de sabedoria..." (Atos 6:3).

E Ellen White declara:

"Os que ocupam a posição de subpastor devem exercer atento cuidado sobre o rebanho do Senhor... Há para o sub-pastor fazer, uma obra que requer tato, quando ele é chamado a enfrentar a apostasia, descontentamento, inveja e ciúmes na igreja, e ele terá que trabalhar no Espírito de Cristo para pôr as coisas em ordem." – *Atos dos Apóstolos*, págs. 525 e 526.

O ancião deve ter "comprovada experiência religiosa e aptidão para o cargo. A honestidade no dizimar, o fiel cumprimento dos deveres particulares ou profissionais, a lealdade e sinceridade na observância dos princípios da igreja, são condições salientes que devem ser vistas naqueles que são escolhidos para este cargo", afirma o Pastor Orlando Pinho, em seu livro *Administração da Igreja*, pág. 79.

Quanto à "honestidade no dizimar", ela tem muito a ver com a avareza. Por isso, na escolha dos anciãos, segundo relatado em Êxodo 18:21, um ponto destacado e que desqualificava uma pessoa para tão importante encargo era a avareza. Pois tudo faz crer que o avarento não é fiel na devolução do dízimo. Ele somente pensa em si, mesmo que sua atitude despreze uma determinação divina. Nas qualificações dos anciãos e diáconos, conforme I Timóteo 3:1-13, somente o "não avarento" – além do preenchimento dos demais requisitos, é claro, – estaria qualificado. A pessoa que é infiel não pode ser "o exemplo dos fiéis" (I Tim. 4:12); e, por conseguinte, ancião de igreja.

"Em muitos lugares encontramos homens a quem foram confiados apressadamente postos de responsabilidades como ancião de igreja, quando não estavam aptos para esse cargo. Não exercem domínio próprio. Sua influência não é boa. A igreja está continuamente em dificuldade como consequência do caráter defeituoso do diretor. As mãos foram impostas com demasiada pressa

sobre esses homens." – *Testimonies*, págs. 406 e 407.

Pensar, orar e refletir

Finalmente, é importante lembrar que o próprio Deus, por Seu Espírito Santo, concederá a aptidão e os dons especiais necessários àqueles que servem como anciãos.

Paulo vê o homem como cooperador de Deus: "Porque de Deus somos cooperadores; lavoura de Deus, edifício de Deus sois vós" (I Cor. 3:9). O termo "cooperadores", nesse verso, é tradução do grego *sunergoi*, cujo significado literal é "companheiro de trabalho". Que privilégio este, o de ser companheiro de trabalho de Deus! Sim, um privilégio, mas também uma grande responsabilidade.

No desempenho de nossa função temos que ser responsáveis. Se lermos atentamente algumas das parábolas de Jesus, tais como a das minas (Luc. 19:11-28); dos talentos (Mat. 25:14-30); e outras, vamos perceber que o aquinhado pelos dons é sempre um agente racional responsável. E, no acerto de contas, o louvor a apreciação do Senhor estão sempre calcados no bom e fiel uso dos talentos recebidos. Neste caso, os que receberam os dons foram responsáveis no seu bom emprego e ouviram as palavras de reconhecimento: "Muito bem, servo bom e fiel; foste fiel no pouco, sobre o muito te colocarei: entra no gozo do teu Senhor" (Mat. 25:21).

Mas houve um servo que foi julgado por sua irresponsabilidade (vs. 24-30). Não levou a sério a incumbência recebida. Não se mostrou digno de confiança. O seu desempenho foi nulo.

Caro ancião, você é um *sunergoi* – companheiro de trabalho – de Deus. Ele espera fidelidade e integridade. Deus necessita de bons anciãos e Sua igreja também.

"Compete, pois, à igreja local descobrir e honrar, mediante separação ao ofício, aqueles que por Deus já foram agraciados com esse dom. Outrossim, esses escolhidos pela igreja têm o direito de rogar ao Senhor que os capacite com o poder necessário do Espírito Santo para a tarefa que lhes cabe realizar... Quão sagrado e bendito, por conseguinte, é o ofício de ancião e quão importante e necessário é o trabalho que ele realiza na igreja local." – R. M. Riggs.

Cuidado, aqui mora o perigo

ANTHONY ALLEN

Pseudônimo de um escritor cristão

Foi justamente depois de um especialmente bom sermão, apresentado por ele mesmo, que o Pastor Bob¹ notou-a pela primeira vez. Embora ela fosse dona de um visual superior ao da média das outras mulheres, ele não teve pensamentos impróprios despertados a seu respeito. Mas seu coração bateu mais forte quando ela apertou sua mão, naquele dia, enquanto despedia a congregação. Ele sentiu ternura naquele toque. Olhando em seus olhos, ele descobriu uma mulher necessitada de alguma coisa.

Passados alguns dias, o Pastor Bob recebeu um bilhete: "Eu gostaria que você soubesse quão significativo foi, para mim, seu sermão na semana passada. Há algum tempo tenho sentido amargura contra Deus, e algumas das suas palavras fizeram-me desejar uma renovação do meu relacionamento com Ele. Com apreço, Beverly Bower."

Aqui estava uma ovelha que tinha se afastado do aprisco e era o dever de Bob conduzi-la gentilmente de volta. Inicialmente ele imaginou que tinha a divina responsabilidade de convidá-la ao seu escritório e estudar com ela. Então, lembrou-se de alguma coisa que lera anos atrás, sobre como um homem deve precaver-se ao aconselhar uma mulher. Bem, na verdade, ele não iria aconselhá-la; estaria, isto sim, atendendo sua necessidade espiritual. E para isso fora treinado.

"Este conselho é direcionado a pastores frágeis", Bob pensou. "Já realizei entrevistas com tantas mulheres antes e nada aconteceu." Estava seguro de que poderia controlar aquela situação. Depois de tudo, ali estava uma filhinha de Deus, necessitando de seu conselho e sua ajuda. Ele não calculou o alcance da tentação. Conhecia seu próprio coração e seu casamento era o melhor possível. Não que fosse perfeito, mas, recentemente, sua esposa Karen e ele chegaram até

a comentar quão abençoados eram ao poderem manter um casamento "melhor que a média". É claro que viveram, inicialmente, alguns tempos ásperos, mas depois de 15 anos juntos, tinham estabelecido um relacionamento confortável. Assistiram a alguns seminários matrimoniais e aprenderam como manter uma boa comunicação.

Na próxima quarta-feira à noite, após o culto de oração, Beverly apareceu de surpresa no escritório pastoral da igreja, onde Bob estava. Contou então a história de como a ira que ela uma vez sentira em relação a seu esposo foi transferida para Deus. "Meu marido tomou algumas decisões financeiras erradas", ela confidenciou, "mas eu concluí que se eu tinha de viver com ele durante toda a vida, não poderia odiá-lo. Por conseguinte, direcionei a amargura para Deus, porque Ele poderia ter impedido que perdêssemos nossa casa e não o fez."

Depois de ouvi-la, Bob falou de sua própria experiência espiritual e partilhou com ela muitos textos bíblicos e citações encorajadoras que poderiam capacitá-la a alcançar a Deus novamente. Bob voltou para casa naquela noite experimentando um verdadeiro sentido de realização. Beverly absorvera cada palavra que ele lhe dissera e parecia estar acordando do pesadelo. Indubitavelmente, essa era uma missão de Deus e ele era um verdadeiro pastor. O coração de Bob transbordava de compaixão e simpatia por aquela ovelha ferida, a qual ele estava conduzindo de volta ao aprisco do Bom Pastor.

Nas semanas que se seguiram as sessões de aconselhamento com Beverly tornaram-se regulares cada quarta-feira à noite. Ela começou construindo uma ponte de volta a Deus. Daí, começou a falar sobre a falta da proteção que deveria receber de seu marido. E Bob, finalmente, encontrou-se atraído

àquela mulher que tanto necessitava dele. Num primeiro momento, durante alguns meses, ele realmente sentiu que estava ajudando a alguém com uma grande necessidade. Beverly apreciou todos os seus conselhos. Seus sentimentos altruístas em relação a ela não eram impróprios. Ou eram? Ele estava fazendo apenas aquilo para o que foi ordenado: restaurando uma ovelha perdida, através da nutrição espiritual.

Atrás da cena

Se as cortinas da percepção humana pudessem ser descerradas neste momento, o Pastor Bob certamente ouviria Satanás esclarecer sua trama a algum de seus comparças: "Belo trabalho, amigo. Eu mesmo não o teria feito melhor se estivesse em seu lugar. Você escolheu sabiamente a vítima. Este homem é um candidato natural para ser lançado nas malhas do adultério. É somente uma questão de tempo, até que ele se afaste um pouco do seu Deus e esteja completamente do nosso lado ao cometer um pecado imperdoável, no que diz respeito à avaliação da liderança da sua igreja.

"Lembro-me deje muito bem, no seminário. Tentei derrubá-lo naquela época. Ele era um bom orador e muito admirado. Pensei que talvez conseguisse derrotá-lo se pudesse enchê-lo de orgulho e arrogância; mas ele se relacionava muito bem com o seu Deus. É por isso que o deixei sob seus cuidados. Eu sabia que levaria tempo, mas isso não tem muita importância. Afinal, podemos conseguir uma grande vitória se, de uma tacada só, pudermos destruir a carreira de um homem, sua família e ainda abalar a fé de uma congregação inteira.

"Voltemos a considerar este caso e definir o perfil da personalidade mais susceptível de violar o sétimo mandamento. Vejamos o que o atraiu à garota com a qual ele se casou. Sim, ela também era uma alma espiritualmente necessitada naquele tempo. E ele era muitíssimo apreciado. O líder religioso do campus. Era um auxiliar perfeitamente incapaz de fazer alguma coisa pela metade. E sempre fazia tudo de modo competente. Naquela menina ele viu alguém que realmente necessitava dele. Investiu muitas horas dialogando, conversando, fitando seus olhos e embebedando-se de sua beleza.

"Enquanto preenchia sua necessidade de

ajudar a alguém espiritualmente, encontrou a necessitada de alguém que pudesse ouvi-la e protegê-la. E ela literalmente absorveu todos os seus conselhos, e de boa vontade harmonizou-se ao seu ideal.

"Finalmente, o casamento e o trabalho. Ele, com seu perfeccionismo, sempre realizou um trabalho de primeira classe para o seu chefe – Deus, nosso inimigo –, o qual ele imaginava requerer-lhe não apenas seus dias, mas muitas noites e finais de semana. Vieram as crianças. Karen tornou-se muito ocupada com elas, e ele sentiu-se algo como que inútil. Não vendo seu instinto ajudador ser apreciado no lar, atirou-se mais e mais entusiasticamente em seu trabalho, ajudando a resgatar ovelhas perdidas. Com o passar dos anos vieram a ordenação, a liderança de grandes igrejas, mais tempo atendendo a desajudados, e, agora, quase o temos em nossas mãos.

"Agora, ouça: mantenha fixa em sua mente a idéia que esta linda ovelha necessita dele desesperadamente; quão desajudada e frágil ela é sem seus conselhos. Por todos os meios mantenha-o alheio ao processo de enlaçamento. Ele aprendeu a importância de olhar uma pessoa nos olhos. Certifique-se de que seus conselhos estejam influenciando no apressamento da sua própria queda. Enquanto ela o fita em reverência e admiração, mantenha os olhares perdidos um no outro. Os obreiros têm sido avisados sobre o perigo de toques indiscretos, de modo que ele não falhará aqui – pelo menos no início. Mas eles ignoram que os olhos são a janela da alma. Um olhar prolongado pode dizer mais que palavras. E o Pastor Bob pensa que prolongado contato olho a olho é uma boa prática de aconselhamento. Os pastores têm suficiente teoria de aconselhamento para tornar isto perigoso.

"Agora, amigo, tente multiplicar suas oportunidades para conversação – conversação privada. Anteriormente, ela já lhe secreveu um bilhete. Isto é bom. Muito bom. Verifique se ele guarda esse bilhete na pasta, para lê-lo quando os pensamentos acerca dela aflorarem. Trabalhe para aumentar o amontoado de lembranças. Acima de tudo, faça com que toda comunicação dela para ele o alcance sem a interferência da esposa ou da secretária. O segredo também trabalha a nosso favor. Certifique-se de que ele deixa seus apontamentos de aconselhamento e fecha a porta quando a conversa entre ambos torna-se sensitiva. Providencie ocasionalmente um de-

feito no carro dela, pois isso o forçará a dar-lhe uma carona de vez em quando, levando-a para casa após as reuniões. Se você conseguir indicá-la para alguma comissão na igreja, esta será uma desculpa legítima para eles tomarem um lanche juntos algumas vezes.

“Precisamos levar Bob a pensar que a auto-revelação realmente fará bem a sua ovelhinha perdida. Assim ele providenciará um ambiente apropriado e seguro para que ela abra o coração, compartilhando emoções negativas.

“Induza-o a partilhar assuntos do seu próprio casamento. Inicialmente ele será precavido. Mas, depois, quando perceber o interesse da ouvinte despertado, e sentir sua resposta alimentando suas próprias emoções, ele abrirá mais e mais a sua vida pessoal para continuar obtendo a mesma intensidade de resposta. Quanto mais íntima for a conversa, maior o enlaçamento. E eles pensam que o único culpado é o toque...

“Ela está segura para responder com riqueza de detalhes a respeito de sua vida sombria, e quanto mais eles conversarem, mais encontrarão pontos em comum, e mais sentirão dependerem um do outro. Imagine tudo isso escondido sob a capa de espiritualidade. De certa forma já o levamos a ferir o primeiro mandamento. Agora, vamos induzi-lo a violar o sétimo. A repercussão entre o rebanho de Deus é sempre muito grande quando o assunto é adultério.

“Para fazer as coisas parecerem apropriadas, ele necessitará fazer com que a esposa convide a outra para o jantar. Isto lhe dará a oportunidade de fazer comparações entre as duas. Uma vez que ele perceba a diferença entre uma esposa que não necessita muito dele e a irresistível resposta da nossa tentadora – ‘eu não consigo ir longe sem você’ –, estará quase preparado para cometer adultério. Então, deixe sua esposa sentir uma ponta de inveja ou ciúme, assim ele se posicionará na defensiva. Com a esposa retraída, ele sentirá a necessidade de alguém que o compreenda. No ato seguinte ele partilhará suas próprias mágoas. Um simpático e prolongado toque, um aparentemente imperceptível e inocente ‘eu te amo’, e a ovelhinha que tenta confortá-lo. Então, a vitória é nossa!”²

A história continua

Com o passar dos dias, Bob percebeu que seus pensamentos estavam continua-

mente ligados a Beverly, onde quer que ele fosse. Em qualquer coisa que ele visse, ouvisse ou lesse, ela estava presente. Mesmo durante seus momentos de devoção pessoal, ele surpreendia-se a si mesmo pensando em Beverly. Durante todo o dia ele mencionava seu nome em oração. Sua própria vida espiritual pareceu adquirir um novo e profundo significado enquanto ela estava girando em torno de Beverly e suas necessidades espirituais.

Semanalmente, ele partilharia suas novas conclusões espirituais e sentimentos com Beverly. Ela, por sua vez, estava desenvolvendo uma fervente comunhão com Deus e também falaria sobre sua devoção pessoal, sempre crescente. Aparentemente não tinham todo o tempo que gostariam para conversar, durante a breve visita semanal. Assim sendo, Bob sugeriu que escrevessem seus pensamentos num pequeno boletim e o trocassem entre si, semanalmente. Beverly, claro, mais que depressa, concordou.

Bob logo compreendeu que havia comunicado sentimentos e pensamentos íntimos a Beverly, os quais jamais partilhara com sua esposa. Novamente seu pensamento piscou e ele pôde ver o aviso que havia descartado antes. No entanto, mais uma vez, Bob racionalizou que ele não sentia nada imoral em relação a Beverly. Admitiu estar algo como atraído a ela – que possuía de fato um bom visual –, mas, espiritualmente. Sentia-se atraído à sua mente, sua espiritualidade. Certamente, tal atração não era desejo sexual. Ele não tinham qualquer intenção física, imoral. Eram apenas bons amigos e irmãos. Nada mais que isso. Amigos e irmãos que haviam descoberto uma porção em comum, cujo elemento chave era um profundo desejo de alcançar a Deus. Orando juntos cada vez em que se encontravam, era como planejavam consegui-lo. Como poderia haver qualquer coisa errada com isto?

Então sua mente fez uma viagem de volta no tempo, a alguns meses antes, quando Beverly tinha aparecido solicitando ajuda, em seu escritório. Naquela ocasião, ele aproximou-se dela e, gentilmente, colocou os confortadores braços sobre seu ombro. O que havia de errado nesse gesto? As pessoas o repetem todo o tempo, mesmo na igreja. O simples fato de duas pessoas estabelecerem um inocente e bem-intencionado contato físico não significa que estejam envolvidos em adultério. Aí, a mente de Bob acabara de usar a palavra “abominável”. Adultério? De

modo nenhum. Adultério é quando duas pessoas vão a um quarto de motel e fazem o que a Bíblia especificamente estabelece ser reservado para o leito conjugal. Não. Bob não havia, definitivamente, cometido adultério. Aconselhar Beverly e outras pessoas – homens e mulheres – tão necessitadas quanto ela, era seu ministério designado. Ele estava ajudando alguém a encontrar o caminho de volta ao Senhor. Que diferença fazia se desta vez era uma linda mulher?

Todavia, o pensamento de adultério continuou a angustiá-lo. Bob decidiu checar seus inquietantes pensamentos com Beverly. Na próxima quarta-feira em que se encontraram, à noite, eles discutiram os sentimentos que nutriam um pelo outro e decidiram que não tinham a menor intenção de abandonar seus respectivos lares. Eles não estavam envolvidos num relacionamento imoral. Beverly concordou que eles eram apenas bons amigos. Nada mais que isso. Amigos que, de qualquer forma, sentiam entre si o mesmo que Jesus e Maria Madalena deveriam ter sentido mutuamente: um amor espiritual, não humano. Naquela noite eles firmaram um propósito de que não chegariam aos limites do adultério. Seu relacionamento permaneceria em um nível espiritual. Jamais físico.

Por um ano Bob e Beverly continuaram a manter sua “amizade”. Ao partilharem sentimentos e pensamentos espirituais próprios, eles acabaram envolvidos emocionalmente, embora jamais transgredissem o sétimo mandamento, no sentido físico. Mas o estrago, entretanto, era igualmente real. A “amizade” cresceu ao ponto em que outras pessoas, especialmente os respectivos cônjuges, começaram a notar a “eletricidade” no ar todas as vezes em que Bob e Beverly estavam no mesmo lugar, em algum encontro social ou mesmo na igreja. Era impossível não ver o faiscar dos seus olhos. Um dos anciãos da igreja dirigiu-se a Bob, certo dia, e expressou sua preocupação.

No outro dia, Bob se deparou com um texto que acertou-lhe em cheio: “Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas...” (Jer. 17:9). Estaria ele vivendo em erro? Estaria, porventura, sua “conversa” com Beverly errada? Não estaria ele racionalizando com base em algo espiritualmente correto? Deveria ele abandonar aquela amizade? Mas como poderia abandonar a ovelha perdida que Deus colocou em seu caminho? Como poderia ele negligenciar a missão que recebera de Deus,

especialmente quando eles sentiam estar tão próximos – ele, Beverly e Deus? Um outro texto veio então a sua mente: “Há caminhos que ao homem parecem direitos, mas ao cabo dá em caminhos de morte” (Prov. 14:12).

Bob continuou a ler. De fato, os primeiros sete capítulos de Provérbios fizeram-no sentir algo parecido a um martelo golpeando o profundo de sua alma. Finalmente ele decidiu levantar os olhos da citação que constantemente o atormentava:

“Na luta contra a corrupção interior e as tentações do exterior, mesmo o sábio e poderoso Salomão foi vencido. Não é seguro permitir o mínimo desvio da mais estrita integridade. ‘Abstende-vos de toda a aparência do mal’ (I Tes. 5:22). Se uma mulher relata a outro homem suas dificuldades de família, ou se queixa do esposo, ela transgredir seus votos matrimoniais; desonra seu esposo e derriba o muro erguido para preservar a santidade da ligação matrimonial; abre de par em par a porta e convida Satanás a entrar com suas tentações insidiosas. Isto é exatamente o que Satanás deseja. Se uma mulher vai ter com um irmão cristão para lhe narrar suas mágoas, decepções e provas, dever-lhe-ia ele aconselhar – se é que ela precisa confiar a alguém suas dificuldades – a escolher irmãs como confidentes suas, e então não haverá aparência do mal, por cujo meio a causa de Deus possa sofrer opróbrio.”³

Resolução

Bob sabia que devia falar a alguém a respeito de sua “amizade”. Ele decidiu procurar um conselheiro profissional. Depois de algumas semanas de aconselhamento, Bob determinou cortar seu relacionamento com Beverly. Totalmente. Intelectualmente ele sabia que este era o caminho correto, mas, emocionalmente, sentia ser uma crueldade ter que fazê-lo. E mais, vivendo impossibilitado de comunicar-se com Beverly, depois de terem sido duas verdadeiras “almas gêmeas”, parecia algo como ter-se suicidado emocionalmente. Na verdade, aquele relacionamento mudara inteiramente o foco espiritual, emocional e mental de Bob. Ele compreendeu que essencialmente havia trocado seu relacionamento com Deus pela relação com outro ser humano. Beverly ocupara o lugar que tinha sido anteriormente reservado para Deus em seu coração. Seus pensamentos, atenção e

afeição passaram a ser dela.

Em agonia, Bob chegou à conclusão que ao tentar guardar-se de transgredir o sétimo mandamento, ele estivera radicalmente violando o primeiro. E entendeu que isto era mútuo – Beverly experimentara a mesma “conexão de almas” que aconteceu quando ela também colocou Bob no pedestal de Deus, erguido em seu coração. Isso explica por que cortar o relacionamento mantido entre eles foi algo mais difícil do que se houvessem experimentado união física. O ato de colocar um ponto final naquela amizade pareceu a ambos como se estivessem destruindo seu relacionamento com Deus. Como era possível que algo aparentemente tão correto fosse, de fato tão errado?

Durante dois anos Bob lutou terrivelmente para erradicar Beverly de sua memória. Cada vez que ele abria sua Bíblia, pensava nela. Cada vez que tentava orar, surgiam pensamentos a respeito dela novamente. Ele chorou por seus pecados. Confessou-os repetidamente e, então, resolveu aquietar-se para ouvir Deus falar a sua alma. Era-lhe muito difícil eliminar a forma e a voz de Beverly de seu coração e recolocar Deus em seu lugar. As cicatrizes daquele caso estavam sempre presentes. É possível perdoar, mas não esquecer, dentro da esfera da capacidade humana. Não é possível mudar a mente humana da mesma forma como se muda o disquete de um computador.

Era necessário que Bob fosse perdoado não apenas por Deus, mas por sua esposa Karen. Bob aprendeu que um caso emocional ou espiritual pode ser mais danoso a uma esposa do que a materialização do adultério. Partilhar o marido seu corpo com alguém deve ser menos devastador a uma esposa do que partilhar a intimidade de sua alma com uma outra mulher.

Atualmente, o casamento de Bob e Karen caminha através de um processo saudável. Mais de uma vez eles questionaram se isto foi o preço da luta pelo afastamento de Beverly. A despeito de seus sentimentos, eles conheceram a vontade de Deus para suas vidas.

Bob credita ao infalível amor e apoio de Karen o fato de estarem juntos hoje. Se ele não tivesse casado com alguém tão forte em Deus e tão comprometida com ideais cristãos, como Karen, provavelmente tivessem divorciado. Felizmente ela viu nele algum valor pelo qual deveria lutar.

Beverly e seu esposo, infelizmente, não tiveram a mesma sorte. Eles se divorciaram

pouco depois da “amizade” acabar. Bob limita-se a orar para que ambos encontrem algo saudável na vida.

Referências:

1. Todos os nomes de pessoas neste artigo foram trocados.
2. Adaptação da apologia *Cartas do Inferno*, de C. S. Lewis.
3. Ellen G. White, *Testemunhos Seletos*, vol. 2; CASA, Santo André, SP, 1985, pág. 240.

Proteja seu ministério

A perda de um ministro representa uma tragédia para a Causa de Deus. Mas é possível impedi-la. Atente para os conselhos que se seguem. Implemente-os em sua vida.

1. Quando tiver que aconselhar uma mulher, vá sempre acompanhado de outra pessoa, preferencialmente sua esposa. Deixe aberta a porta do escritório, sempre que receber uma senhora.

2. Jamais vá a qualquer lugar a sós com uma mulher. Uma acusação é arma poderosa na mão de Satanás, para matar a eficiência de um ministro.

3. Não condescenda com olhares prolongados. Isso pode ser o início da armadilha.

4. Se se encontra a sós com uma mulher, não lhe toque. Mesmo em público, evite os apertos de mão prolongados.

5. Nunca receba uma mulher em seu escritório, fora do horário de trabalho, sem a presença de sua secretária. Não visite sua casa sem estar acompanhado da sua esposa.

6. Jamais revele aspectos privados de sua vida ou de seu casamento.

7. Não guarde bilhetes escritos por uma mulher para lê-los posteriormente. Faça isso com os que recebe de sua esposa.

8. Se uma mulher se insinua para você, impeça imediatamente. Não flerte com o perigo só porque deseja ser admirado.

9. Estabeleça um grupo responsável e confiável de dois ou três auxiliares. Partilhe honestamente com eles qualquer comportamento questionável e busque seu conselho.

10. Reserve pelo menos 15 minutos diários para conversar intimamente com sua esposa.

As causas da morte de Cristo

HORNE P. SILVA

*Ex-professor de Teologia, jubilado,
reside em São Paulo, SP.*

É possível colocar em perspectiva as razões pelas quais Cristo morreu? Seria interessante ler Seu atestado de óbito, se pudesse ser escrito do ponto de vista da medicina moderna. Por exemplo, as causas de Sua morte poderiam ser divididas em causas físicas, mentais, sociais, espirituais, legais, judiciais, políticas, históricas, cósmicas e celestiais.

Ao considerarmos as causas médicas, uma questão é inevitável: Foi Seu coração físico que se partiu, ou Seu coração mental?

Não houve um médico acompanhando o caso, nem psicólogo clínico, nem assistente social, enfermeiras ou técnicos. Tampouco houve medidores de pressão arterial. Não há registro do número de pulsações, resultados de hemogramas ou eletrocardiogramas. Apenas um soldado com sua lança para determinar que Ele finalmente havia morrido. Não foi realizada nenhuma autópsia. Seu lado foi perfurado com uma lança e saíram sangue e água *post mortem*. Algumas discussões e questões científicas permanecem sem resposta. Não podemos ter certeza de tudo, tentando fazer uma análise quase dois mil anos após o acontecimento.

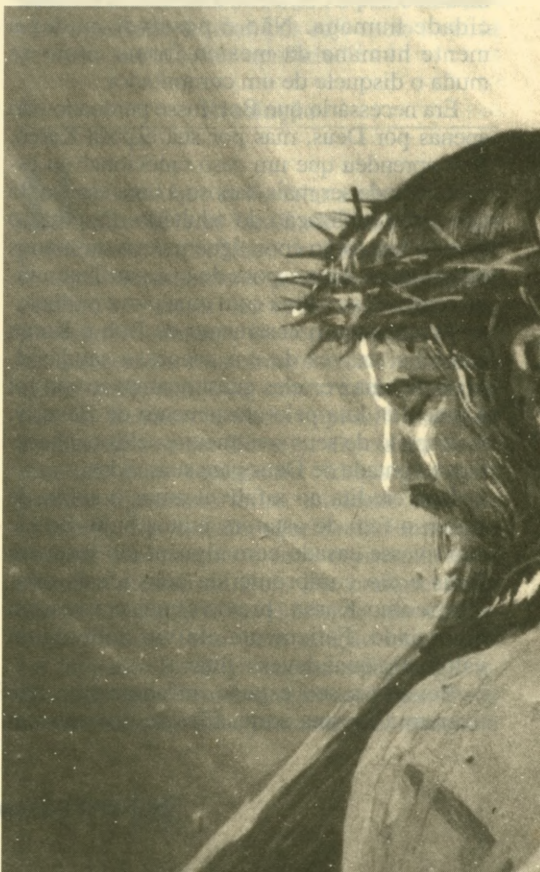
As teorias

Alguns têm escrito persuasiva e extensivamente, sustentando que Cristo sofreu uma ruptura do miocárdio, o que provocou a fluência do sangue para o saco pericárdico que está em volta. A consequência de tal fenômeno seria uma sobrecarga para o coração, tornando sem efeito as contrações cardíacas. A circulação, evidentemente cessaria.

De acordo com essa hipótese, a “água” seria o plasma sanguíneo que se haveria se-

parado, ou possivelmente o líquido pericárdico normalmente presente entre as duas camadas do saco. Mas há apenas uma pequena quantidade deste último, por demais insignificante para ser vista a olho nu pelo observador casual, especialmente após sua diluição pelo sangue de um rompimento cardíaco.

A hipótese de uma ruptura espontânea do miocárdio, devido à angústia mental, não pode ser completamente excluída. Há informações da existência de casos semelhantes, que datam de 1850. Desde então, contudo, registros de ocorrência de ruptura espontânea



– sem uma doença precedente, como oclusão coronária, por exemplo – não foram observados por atuais patologistas de destaque.

O sangue e água vistos após a perfuração com a lança pode ter sido o resultado da penetração da lança não apenas no saco pericárdio, mas em um ou mais dos principais compartimentos do coração. O sangue dentro do coração de Cristo já se havia assentado em duas camadas, estando em cima o plasma aquoso e embaixo as células vermelhas mais pesadas; evidência de que a circulação havia cessado algum tempo antes.

Necessitaríamos de diretrizes para anotar uma anemia, devido à hemorragia dos ferimentos feitos pelas perfurações em Sua cabeça, bem como escoriações, contusões e ferimentos de corte em Suas costas, causados pelos açoites, além das grandes e profundas perfurações dos cravos nas mãos e nos pés.

A perda de sangue desses ferimentos, mais a dor e a exaustão fizeram com que Ele desmaiasse após carregar a cruz alguns metros. Mas somente a hemorragia não parece ser a causa primária da morte. Ele poderia ter-Se restabelecido com os devidos cuidados.

Outro fator de enfraquecimento físico foi uma considerável perda de líquidos e sais minerais sofrida por Seu corpo. Seu abun-

dante suor, o fato de estar aparentemente sem comida ou água suficiente, por cerca de dezoito horas, ocasionaram o que os médicos chamam de desequilíbrio eletrolítico e desidratação – um problema sério porque torna outras pressões físicas menos controláveis. A qualidade do sangue é assim alterada por uma escassez de certas substâncias químicas específicas e de água. Os tecidos e órgãos nutridos pelo sangue, semelhantemente, tornam-se deficientes.

Angústia mental

Possivelmente, Sua angústia mental causou grave choque e parada cardíaca. Como o Segundo Adão, Cristo mentalmente recuava ante a idéia de pecado pessoal. Mas Ele estava em constante contato com seres humanos pecadores. “O Inocente devia sentir a vergonha do pecado. Todo pecado, toda discórdia, toda contaminadora concupiscência trazida pela transgressão, Lhe era uma tortura para o espírito.”¹ No Getsêmani, a tortura foi ainda pior, uma vez que a culpa dos pecados do mundo foi lançada sobre Ele. Na cruz Ele expirou por “angústia mental”.²

Hoje os seres humanos não morrem ou entram em choque por pura “angústia mental” simplesmente. Mas Cristo suportou um fardo que nenhum ser humano foi chamado a suportar.

A tensão da mente e os sintomas mentais são reais, e não são motivos para brincadeiras. Devido ao grande senso da malignidade do pecado, Cristo foi esmagado pelo peso dos pecados do mundo. A pressão mental advinda de numerosas fontes pesava sobre Ele. Múltiplas condições aumentavam ou contribuía para acentuar a forte tensão. O chamado “coração partido”,³ facilmente poderia ter sido mental em vez de físico. “A ira de Deus recaiu sobre Seu amado Filho, ao pender Cristo da cruz do Calvário, em lugar do transgressor.”⁴

Como no Getsêmani Ele estava demasiadamente preocupado para sentir que estava frio. Assim, na cruz, pode ser que Ele não estivesse demasiadamente cômico da dor física após os cravos terem sido pregados, a cruz ter sido levantada e atirada no buraco para ela preparado. Porém, todos esses fatores contribuía para o choque que se desenvolveu, quer Ele estivesse vividamente consciente deles ou não.



Um bom cardiologista veria características e causas incomuns neste caso. “Choque por crucifixão” seria uma forma moderna, mas demasiado simplificada de descrever a condição do corpo de Jesus, justamente antes da morte. A causa foi mais do que física. Foi produzida também por angústia mental. Teríamos que dar a isto uma denominação um pouco mais científica, tal como “choque neurogênico”. Houve tortura física em escala incomum. Houve o estiramento dos ligamentos e da musculatura das extremidades superiores, a incapacidade de mover-se para aliviar as câmbrias, as várias horas de imobilidade da postura – quantas condições ruins Ele enfrentou!

Comumente sentimos dores por ficarmos algumas horas num assento almofadado de automóvel. Quem poderia sentar-se imóvel numa cadeira, durante seis horas, sem reclamar? Que tal ficar pendurado numa cruz? Antes disso houve uma noite sem dormir, fadiga, tratamento brutal e vergonha no julgamento.

Os responsáveis

Se fôssemos solicitados hoje a escrever a causa da morte de uma pessoa que morreu por causa de violência, gostaríamos de incluir os nomes dos responsáveis por essa morte. Assim faríamos também no caso de Jesus.

César era o imperador de Roma. Pilatos era a autoridade local. Anás, Caifás e Herodes tinham poder do qual abusaram. Judas liderou a turba como traidor. Os soldados estavam executando ordens, mas condescenderam com brincadeiras cruéis. Os nomes de todos esses indivíduos apareceriam no processo, como responsáveis por pecados de perpetração ou omissão.

O abuso que sofreu dessas pessoas contribuiu para o aumento da Sua angústia. Qualquer pessoa que já tenha sido interrogada por um advogado desfavorável a sua causa sabe apreciar como a paz mental e a condição física de alguém podem ser perturbadas por ódio e oposição.

Cristo morreu horas antes do que era esperado e antes da morte dos ladrões entre os quais fora colocado. Esteve sujeito a mais desumanidades, nas 24 horas precedentes, que os dois ladrões e portanto estava mais fraco na ocasião em que foram pregados os cravos. Os anjos do Céu sentiram “indignação” ante Seus maus-tratos.⁵ Mas não devemos esque-

cer que Ele era um jovem saudável, não contaminado por maus hábitos de saúde.

Jesus morreu por causa do ódio. O ódio de Satanás canalizado através do homem pecador. Os líderes judeus desejavam-no fora do caminho, para que pudessem manter suas próprias posições lucrativas de poder e renome.

O método de infligir sofrimento físico veio do paganismo no Império Romano, que controlava a Judéia. Os soldados de Roma executaram os detalhes técnicos. Os líderes judeus o tramaram. Seu ódio os levou a isto. Satanás o inspirou. Deus o permitiu como parte de um plano muito mais amplo, não apenas para redimir a humanidade, mas para armar o palco para a destruição do diabo, no fogo. Todos aqueles que se têm aliado a Satanás terão um fim semelhante.

Causas espirituais

Quanto às causas espirituais, “Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras” (I Cor. 15:3). A morte de Cristo pagou a penalidade pela ganância, cobiça, pelo roubo das economias das viúvas, pelo adultério, divórcio, pela rebelião contra pai e mãe, blasfêmia, adoração de ídolos, ódio, transgressão do sábado, politicagem, fornicção, homossexualidade, maledicências, críticas e mentiras.

A morte de Cristo tinha um propósito maior do que meramente deixar uma história comovente no relato bíblico, sobre um homem nobre e abnegado que suportou uma multidão de insultos e emprestou encanto à cruz de madeira.

Ele padeceu uma morte vilipendiosa, de vergonha equivalente aos pecados que sofreu vicariamente. O perdão, somente, seria um remédio parcial e incompleto. A necessidade real do homem era expiação. Arrependimento, novo nascimento, transformação, santificação. Ressurreição, glorificação, cumprimento do propósito original. Uma unidade espiritual, e face a face, com Deus. Restauração ao primeiro domínio.

“Ele fez o infinito sacrifício, não somente para que o pecado fosse removido, mas para que a natureza humana pudesse ser restaurada, reembelezada, reconstruída de suas ruínas, e preparada para a presença de Deus.”⁶

A morte de Cristo tinha um propósito celestial. Uma dentre as suas causas principais foi Seu amor pela humanidade. Ele provou

Seu amor. Deu uma demonstração do princípio abnegado e celeste. Justificou o governo de Deus e a maneira como lidou com a rebelião de Satanás.

As visões dadas ao profetas haviam trazido esperança aos devotos. Finalmente, chegara o tempo das predições se cumpriram. O programa precisava ser cumprido. Cristo fora lançado como a figura central numa operação da vida real. Nenhum substituto estava à espera para facilitar-Lhe o papel.

Substituto do homem

Tomando uma perspectiva mais ampla, encontramos outras causas. Foi necessário que Cristo Se tornasse substituto para o homem, a fim de que realmente o homem fosse resgatado. Contudo, Ele não foi forçado a fazê-lo. O atestado de Sua morte poderia registrar que Ele morreu de livre e espontânea vontade. Poderia ter descido da cruz. Mas desejava tornar-Se o Doador da vida, curar nossas doenças, dar-nos imortalidade quando vier pela segunda vez.

O registro de Sua morte mencionaria Seu grande amor pelos mundos não caídos. Ele é um Salvador previdente desejoso de salvar guardar a muitos, e provar a justiça de Deus.

O Universo precisa ser unificado. As dúvidas dissipadas, e as perguntas esclarecidas. Deus precisa tornar-Se mais plenamente conhecido. A morte de nosso Senhor é um paradoxo – necessária, mas evitável. Necessária em vista de nosso desamparo. Evitável porque Ele não foi forçado a passar por ela. “Ninguém tem maior amor do que este” (João 15:13).

Tecnicamente Ele poderia ter deixado que a humanidade sofresse a penalidade que Lhe cabia. Poderia ter deixado os outros mundos na dúvida. Em vez disso, deu-Se a Si mesmo. Pensemos em Sua humanidade.

“Pelos Suas pisaduras fomos sarados” (Isa. 53:5). O Grande Médico possuía maior habilidade do que qualquer um que agora vive. Sua sabedoria levou-O a fazer um plano de longo alcance. Ele poderia sacrificar-Se, na flor da vida, a fim de fazer soar o toque fúnebre para Satanás – o assassino e causador de doenças. Expondo-Se à violência fatal, emergiria Ele da tumba tendo as chaves da morte, um remédio para todas as moléstias.

A morte de Cristo tem conservado o nosso interesse, mais do que qualquer outro assunto. Deixam-nos pasmados as causas de longo alcance e as abarcantes realizações efetuadas por ela. Passaremos a eternidade descobrindo as razões pelas quais Ele morreu, compreendendo o plano de Deus para a salvação do homem pecador.

Quão diferente seria a morte de Satanás, comparada com a de Jesus. Como gostaríamos de escrevê-la de antemão, se fosse possível! Causa imediata: queima por fogo do Céu. Um fogo especial. Causa remota: rebelião contra o governo e a Lei de Deus. Isso, por sua vez, foi causado por orgulho, inveja, vaidade e desconfiança. A data será determinada pela sabedoria e presciência de Deus.

Consideremos o caso de um ser humano que rejeite a Cristo e morra pela segunda vez no fim do Milênio. Que diríamos de sua morte?

Queima, devido a um fogo especial. Seus próprios pecados. Ausência do nome no Livro da Vida, devido à falta de fé, e resistência a Cristo. Agravo ao Espírito Santo. Várias outras causas poderiam aparecer. Teve um falso pastor? Alguém que conhecia o evangelho deixou de testemunhar-lhe? Cristãos mais antigos e maduros deram um mau exemplo?

Há uma lição na morte de alguém que decai do primeiro amor. Sua morte poderia revelar falta de oração, demasiada ocupação para estudar a Bíblia, falta de zelo pelas coisas espirituais, deficiência do espírito e graça de Jesus, orgulho de opinião, dúvida e murmuração. Cada fracasso cristão é devido à falta de fé. Fé e fidelidade vão juntas. A perseverança dos santos é devido à sua lealdade a Cristo.

Pensemos nas causas da morte espiritual do “velho homem do pecado”. Causa: crucifixão. Ou se crucificaria o velho homem, ou se feriria a Cristo novamente. A escolha foi influenciada pelo amor a Deus, o fundamento de toda verdadeira religião.

Referências:

1. Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 97.
2. *Idem*, pág. 741.
3. *Loc. Cit.*
4. Ellen G. White, *Mensagens Escolhidas*, vol. 1, pág. 213.
5. *Patriarcas e Profetas*, pág. 59.
6. *Testemunhos Seletos*, vol. 2, pág. 209.

Uma mensagem ocidental no Leste Europeu

BORGE SCHANTZ

*Diretor do Centro Global Adventista de Estudos
Islâmicos, em Binfield, Berkshire, Inglaterra*

Em um belo auditório, no centro de uma das capitais do Leste Europeu, as tensões se avolumavam. Ali estavam reunidos numerosos participantes do Primeiro Simpósio de Liberdade Religiosa e de Consciência. O bispo de uma antiga igreja ortodoxa acabara de proferir um discurso agitado, descrevendo como os crentes haviam sofrido perseguições da parte de muçulmanos e marxistas. Inicialmente ele concordou totalmente que a liberdade de consciência era a base para a paz social.

Para surpresa da audiência, no entanto, ele permaneceu inflexível no argumento de que esta liberdade religiosa, naquela parte do mundo, não deveria significar abertura de portas para a operação de todo e qualquer tipo de seitas e cultos ocidentais. Alguns grupos, ele afirmou, estão empregando métodos materialistas e alto poder de comunicação para perverter o evangelho e “confundir” o povo, em seu trabalho de fazer adeptos.

Outros participantes, que representavam vários organismos religiosos, objetaram com veemência as aparentes inconsistências da fala do bispo. Porventura não teria ele aprendido nada do passado? Estaria ele querendo voltar ao tempo durante o qual sua igreja exercia um monopólio sobre o cristianismo e abusava de seu poder exercido sobre o povo? Indubitavelmente havia algo estranho por trás do controvertido discurso. No entanto, as observações do bispo eram mais profundas do que seu ligeiramente velado temor de perder o controle sobre o povo, e ele merecia ser levado a sério. A recém-conquistada liberdade abriu as nações outrora dominadas também ao abuso por parte de ocidentais, incluindo religiosos.

Conversão e confusão

Quando o Leste Europeu abriu suas portas, as pessoas no Ocidente sentiram estar diante da oportunidade de libertar as massas outrora isoladas e privadas das boas coisas da vida. Religiosos entusiasmados chegaram com a mala cheia de ensinamentos espirituais e assistência social para o povo necessitado das duas coisas. Na vanguarda, ansiosos para repartir o espólio, estavam os evangélicos, os carismáticos, e mesmo grupos céticos ocidentais. Alguns dos métodos prediletos incluíam generosas doações livres (em alguns casos, dólares em espécie), modernos veículos de comunicação, tais como filmes e vídeos, atraentes cantores sacros, e até sugestões indiretas de passaportes visados e assistência para trabalho no Ocidente. Esse novo modelo de aproximação religiosa dominou o público – muitas vezes calculado em milhares de pessoas – desacostumado com tão atraente entretenimento espiritual. Contudo, o resultado não foi apenas conversão. Foi, também, confusão. Como poderiam as pessoas distinguir entre as muitas vozes chamando-as em diferentes direções? Sem dúvida, o grande embaraço do cristianismo – divisões doutrinárias e proclamações conflitantes – crescia enquanto os grupos competidores focalizavam sobre idéias teológicas controvertidas e acariciadas.

Conforme alguém observou, “durante o domínio marxista, os ditadores bradavam: ‘não há Deus!’. Hoje, o povo confuso e perplexo pergunta-se: ‘Quem é Deus?’”¹ Em meio à babel de vozes, alguma voz deveria ser ouvida proclamando a mensagem dos três anjos.

Os adventistas do sétimo dia têm sido sá-

bios em usar evangelistas ocidentais, no desenvolvimento de situações providenciais. Em alguns casos, felizmente, eles envolvem e treinam ministros locais, ansiosos por aprenderem novos métodos e habilidades para aconselhamento em assuntos locais. Em outros casos, evangelistas expatriados tornam-se solitários pioneiros. E em todos os casos, há oportunidades para colher feixes, ao contrário do que acontece em alguns estéreos campos ocidentais, apenas produtores de poucas espigas. Esse é justamente o tipo de empanturramento com que os evangelistas sempre sonharam. E pensar que acontece em áreas que, por décadas, foram declaradas inacessíveis à proclamação do evangelho!

Voltando à preocupação do nosso bispo. Ele mostrou que igrejas ortodoxas não apenas anteriores ao comunismo, mas também à Reforma Protestante, possuem uma mensagem impregnada e atrelada pela cultura local. Portanto, ele insistiu que o evangelho deve ser pregado no contexto cultural dos povos envolvidos, convencido de que os métodos evangelísticos baseados no dólar podem atrair o povo a mensagens estranhas, por razões erradas.

Os missiologistas entre nós admitem que o sacerdote ortodoxo expôs uma ferida dos métodos evangelísticos ocidentais aplicados ao Oriente. Sem questionar que a mensagem deve ser pregada em sua plenitude salvadora, nas áreas até há pouco dominadas pelo comunismo e que antes foram dominadas por igrejas totalitárias e seitas islâmicas. Todavia, a testemunha evangélica deve empenhar-se em aprender algo sobre a cultura local e os costumes, antes de engajar-se na delicada tarefa de comunicar o evangelho eterno além das fronteiras culturais. Do contrário, o empenho pode resultar infrutífero.

Elementos culturalmente sensitivos

Talvez os seguintes pontos ajudem a resolver os problemas rapidamente mencionados acima.

1. A mensagem. Existem absolutos bíblicos para todas as épocas e culturas. Eles devem ser proclamados poderosamente. Mas a aplicação desses absolutos pode realmente variar de cultura para cultura. Necessitamos reconhecer que uma grande proporção do cristianismo de alguém é ditada pela cultura

local. Muitas vezes os pioneiros têm dificuldade para distinguir entre o que é sua própria cultura (européia, americana), e pode, conseqüentemente, ser deixada de lado; e o que é bíblico e deve ser proclamado.

O estilo de vida cristã adventista, envolvendo coisas como adorno, comida, e até mesmo maneiras de guardar o sábado, é freqüentemente uma área de atrito. Se fazemos conversos que associam a cristandade ocidental com o cristianismo bíblico – em outras palavras, ser um americano é ser um cristão –, nós não estamos cumprindo a nossa missão. Resultados permanentes na evangelização são conseguidos apenas onde a mensagem é adaptada à cultura local, e ainda cresce além dela.

O marxismo foi uma importação alemã para o Leste Europeu. Possivelmente, uma das razões do seu colapso foi a falta de habilidade para adaptar-se ao contexto oriental. Aí está uma lição para os estrategistas da Igreja.²

2. A audiência. Anos de isolamento e condenação pública de todos os seus produtos serviram apenas para açular o apetite do Leste Europeu, por toda e qualquer coisa vinda do Primeiro Mundo. As pessoas estão contrastando o tipo de vida nas sociedades ocidentais com as diferentes realidades do seu dia-a-dia. Essa é uma comparação injusta. Os ideais ocidentais devem ser comparados com ideais orientais. Semelhança com semelhança. Os costumes ocidentais nem sempre emergem favoravelmente quando comparados aos costumes orientais.

Indubitavelmente, nosso público alvo tem recebido por definição a liberdade. Ele agora pode escolher por si mesmo seus governantes, líderes, trabalho e lugar para morar. Ele pode mudar de religião ou decidir ser ateu. Entretanto, devemos lembrar que esse povo, geralmente, está desacostumado a fazer decisões de longo alcance. Nem sempre ele é capaz de distinguir entre o falso e o genuíno, nos métodos de propaganda ocidental. Isto pode especialmente ser verdade em relação aos russos, que possuem tendências místicas. Por esta razão, uma escolha entre aceitar o cristianismo ou Hare Krishna é raramente uma decisão entre a verdade e o erro. Ela pode ser determinada por fatores triviais, como, por exemplo, quem alugou o auditório particular primeiro.

Qualquer coisa estranha é atrativa, especialmente para os menos cultos. Os evange-

listas também devem compreender que junto com o fato de o povo haver sido exposto à propaganda comunista, e isolado com poucas oportunidades, muitos são sofisticados e intelectualmente alertas.

3. História. As áreas amadurecidas para o evangelismo hoje são aquelas cuja população esteve dominada por variados graus de marxismo, nos 45 a 70 anos passados. Em fase de transição, abertas a novas idéias, elas representam uma oportunidade áurea para o crescimento da Igreja. Mas os evangelistas devem trabalhar com muita prudência. Em apresentações públicas ou em conversas privadas, eles podem ser tentados a ridicularizar e lançar menosprezo ao comunismo, tripucciando sua queda.

Esse tipo de abordagem usualmente conquista algum auditório, o que incentiva os oradores a continuarem na mesma retórica. Mas, no fundo, corre-se o risco de ferir as susceptibilidades dos ouvintes. Afinal de contas, eles estiveram submissos, e talvez até apreciassem alguns aspectos do marxismo, durante muitos anos. A isso devemos acrescentar que a mais arrogante degradação do marxismo pode ser vista como uma tentativa de inferiorizar a cultura e os costumes locais, suscitando ressentimento contra o testemunho cristão.

É preciso lembrar, também, que muitos dos recém-abertos países possuem uma cultura cristã pré-marxista, que remonta a séculos. Existe ainda uma história de missão evangelística envolvendo colportores e professores, muito antes do comunismo.³

Os aspectos positivos da sociedade comunista não devem ser ignorados. Por exemplo, eles introduziram um sistema educacional onde todas as crianças têm livre acesso à escola, providenciaram segurança social para a população, quebraram o poder monopolizador das igrejas estatais, e secularizaram pelo menos 100 milhões de muçulmanos, o suficiente para torná-los abertos ao cristianismo.

Aqueles que estão envolvidos em evangelismo devem lembrar que o povo é invariavelmente orgulhoso de sua própria cultura e

de seu passado histórico. Por conseguinte, reage negativamente ao criticismo e à ridicularização da parte de estrangeiros.

4. O alto clamor do dinheiro. O missionologista britânico, Roland Allen sugeriu que o dinheiro é um importante complemento da pregação. Essa importância não reside em como as finanças da igreja estão organizadas, mas em “como estes arranjos... afetam a mente do povo e assim promovem ou impedem a disseminação do evangelho”.⁴

O sistema comunista ruiu, em sua maior parte, por causa das condições econômicas. Ele falhou na distribuição de bens. O Ocidente tornou-se sinônimo de riqueza e luxúria, e tudo o que a riqueza pode adquirir — automóveis, eletrodomésticos, etc. Em muitos casos os primeiros “capitalistas” com os quais a população do Leste Europeu teve

contato foram os evangelistas ocidentais. Sem dúvida, muitas pessoas tinham um genuíno interesse em ouvir o evangelho. Mas, a novidade da associação com pessoas amigáveis, que como capitalistas representavam dinheiro, também represen-

tou grande atração. O evangelismo com frequência importa muito dinheiro, e que nem sempre é controlado pela igreja. Em alguns casos nem existe contabilidade para os gastos. Patrocinadores voluntários que vêem poucos resultados no Ocidente estão preparados para investir pesadamente no Leste.

Certamente as mensagens pregadas pelos evangelistas adventistas são bíblicamente sadias e verdadeiras. Mas o que dizer das mensagens paralelas? Os evangelistas e seus associados são geralmente bem vestidos, hospedam-se em bons hotéis, alimentam-se bem e usam caríssimos equipamentos de comunicação. Algumas vezes, numa generosidade impensada, eles pagam a seus empregados um salário acima da média local. As pessoas podem ser atraídas às reuniões pelos presentes que recebem.

No planejamento de uma futura igreja estável, qual a base estabelecida para a prática da Mordomia, quando velhos e novos membros adquirem a errônea impressão, trans-

“Alguns interpretam
a atual abertura apenas
como um interlúdio
temporário no
grande conflito”

mitida pelas próprias equipes evangelísticas, de que existe abundância de dinheiro atrás delas? Naturalmente que significativa ajuda financeira recebida de fora representa muito nos estágios de pioneirismo. Entretanto, domínio exterior e completa dependência financeira ameaçam estropiar o trabalho para o futuro.

A igreja jamais será estabelecida de uma maneira estável sem que o sacrifício financeiro dos membros locais seja uma parte de todas as atividades, incluindo as despesas evangelísticas, a construção de templos e o estabelecimento de instituições.

É tentador, mas insensato, ser altamente generoso com o dinheiro do Ocidente utilizado em países onde o salário mensal é pequeno. O estabelecimento de uma base para Mordomia na primeira semana determinará o futuro econômico da estratégia. Dízimos e ofertas são assuntos significativos de crença e prática adventista. A impressão de que a Igreja é rica, junto com o uso imprudente do dinheiro, desencorajará os recém-convertidos na devolução de um dízimo fiel e entrega de ofertas.

5. Conservação. O próximo passo depois do batismo, incorporação dos membros na vida da igreja, apresenta um problema em muitas regiões. Não existem suficientes pastores treinados para cuidar dos membros recém-batizados. É interessante notar que os governos comunistas, anos atrás, compreendiam muito bem a importância do treinamento pastoral. Eles calcularam que pelo fechamento de seminários teológicos acabariam comprometendo o futuro do cristianismo.⁵

A consequência de um deficiente trabalho pastoral de conservação é uma onda de apostasia tão logo o evangelista vai embora. Em uma cidade da Rússia, durante 1991, mais de 200 pessoas foram batizadas. Mas, depois de seis meses, menos de 100 continuavam firmes. Outro relatório mostra que poucos meses após, de um batismo de 110, apenas dez pessoas permaneciam como membros regulares. Certo pastor, inclusive, queixou-se de que na ocasião em que ele foi incumbido de realizar o trabalho de conservação, ao término de uma campanha não muito longa, o próprio evangelista não tinha ainda uma relação com nomes e endereços das pessoas que foram batizadas. Atitudes assim tornam o trabalho mais difícil – até mesmo sem esperança.

Talvez, a origem de parte do problema reside no fato de estarmos freqüentemente envolvidos num jogo de números. Eficiência e sucesso estão, não raro, associados ao número de batismos alcançados. Por essa razão, os evangelistas podem ser tentados a fazer um plano a curto prazo a fim de conseguirem um expressivo número de batismo ao final de uma campanha. Isso algumas vezes suscita um espírito de competição, não apenas entre denominações diferentes, mas também entre os evangelistas de uma mesma confissão. Tal atitude não é saudável, muito menos cristã, e produz uma influência secularizante na vida e no crescimento da igreja. Inicialmente, ela pode até influenciar positivamente o público adventista, mas acabará criando confusão, desilusão, desapontamento em determinados lugares.

Qualquer atividade de crescimento de igreja deveria incorporar um planejamento de pelo menos dez anos. Já na fase de elaboração da estratégia devem ser feitos arranjos para um efetivo trabalho de conservação. Pastores e leigos devem ser treinados para uma significativa participação nas atividades posteriores à colheita. Quem sabe, os métodos de relatar batismos deveriam ser mudados. Os evangelistas poderiam relatar, por exemplo, apenas os candidatos que permanecessem fiéis membros da igreja, um ano depois de batizados.

O benefício da tensão

Ainesperada abertura do Leste Europeu e da antiga União Soviética para uma livre proclamação do evangelho de Jesus Cristo, tem-se tornado uma época de problemas incomuns. A nova situação criou tensões. No entanto, essas tensões podem ser tanto criativas como saudáveis. Elas podem forçar as igrejas ocidentais a repensarem, não apenas suas estratégias e Teologia, mas também a razão de sua existência. Em si mesmo, isso é um exercício útil, mesmo quando aplicado ao evangelismo em campos domésticos.

A nova situação também significa um tempo de possibilidades sem precedentes. As igrejas ocidentais sentem que devem marchar enquanto o ferro está quente. Alguns interpretam a atual abertura apenas como um interlúdio temporário no grande conflito entre Cristo e Satanás. Portanto, os evangélicos

cos acreditam que devem aproveitar ao máximo todas as oportunidades para a pregação. Esse fervente sentimento de urgência leva a um mal planejado testemunho e pregação superficial. E, por conseguinte, à descuidada conservação.

As igrejas orientais também estão alertas. Elas têm tirado o máximo proveito da *perestroika*, maximizando o fato de que são igrejas antigas, enraizadas na cultura do país. Seus ensinamentos e sua liturgia representam uma parte integrante da herança nacional. Abertamente guerreiam contra os intrusos evangélicos e suas mensagens estranhas, categorizando-as como superficiais. Ainda torcem pelo surgimento de uma legislação que exclua certos tipos de seitas ocidentais.

Tudo isso pode resultar em discriminação política e cultural contra os protestantes. Talvez deveríamos considerar que o estilo popular de "evangelismo", baseado em métodos artificiais e baratos, é um dos fatores que podem incitar os novos Estados a fechar portas que foram abertas.⁶ Alguns deles, inclusive, já possuem leis em suas respectivas Constituições restringindo fortemente certas atividades religiosas importadas. Honestamente falando, deveríamos admitir que,

Precisamos seguir o exemplo de pioneirismo deixado pelo apóstolo Paulo

como adventistas, ocasionalmente temos sido culpados da aplicação de princípios levianos de crescimento de igreja.

Entretanto, também é encorajadora, para nós os adventistas, a observação de que pastores locais e leigos estão mais e mais na vanguarda, e assumindo uma crescente responsabilidade pelo ganho de almas e por disciplinar novos membros. É também alentador perceber que, no âmbito administrativo, algumas Divisões, União e Associações responsáveis pelo monitoramento da nova onda de evangelismo, têm construído mecanismos de controle, com mais comple-

ta instrução antes do batismo, estrito exame dos candidatos e até limitação da idade de batismo para os juvenis. Tal controle é fundamentado em décadas de experiência no Leste Europeu.

Quem sabe, todo o pessoal envolvido em evangelismo no Leste Europeu e na antiga União Soviética deveria ser orientado através de cursos rápidos, talvez com uma semana de duração, realizados em alguma escola de treinamento naqueles países, e que incluíssem estudos sobre costumes, história e cultura locais.

Trabalho de Deus

Finalmente, é imprescindível não esquecer que o trabalho é de Deus. Seu Espírito converte, guia, ensina, capacita, unifica e fortalece. O apóstolo Paulo, como um evangelista itinerante, deixou-nos um precioso exemplo aplicável a qualquer trabalho de pioneirismo. Ele sempre estava preparado para integrar os novos conversos ao Espírito Santo, e deixá-los sozinhos somente após algumas semanas de instrução. Então, eles poderiam lutar com seus próprios dilemas pastorais, teológicos e administrativos. Mesmo assim, o apóstolo não os deixava totalmente. Escrevia-lhes constantemente. Suas admoestações, seus conselhos e ensinamentos constituem porção significativa das epístolas do Novo Testamento e formam uma base para a Teologia bíblica.

Possa o Deus do evangelismo dar-nos semelhante visão, a fim de que aproveitemos de maneira mais eficiente as oportunidades abertas para a conquista e conservação de novos membros em campos amadurecidos para a ceifa.

Referências:

1. Brother Andrew, "There is no God", *Open Doors News Brief*, outubro de 1991, pág. 2.
2. Walter Sawatsky, "After the Glastnost Revolution: Soviet Evangelicals and Western Mission", *International Bulletin of Missionary Research*, abril de 1992, pág. 59.
3. Kenneth Scott Latourette, *A History of Christianity*, Nova Iorque; Harper and Row, 1975, vol. 2, págs. 698, 785 e 786.
4. Roland Allen, *Missionary Methods: Saint Paul's or Ours?*, Grand Rapids: Eerdmans, 1962, pág. 49.
5. Randy Frame, "Where Taxi Drivers Read Dostoevsky", *Christianity Today*, 18/05/1992, pág. 46.
6. Sawatsky, pág. 58.

COMEMORE O 150º ANIVERSÁRIO DO JUÍZO INVESTIGATIVO E OS 100 ANOS DA PRIMEIRA IGREJA NA DIVISÃO SUL-AMERICANA!

- * Promova estudos sobre o Santuário.
- * Realize congressos e campanhas nos lugares históricos do seu Campo.
- * Tenha certeza de que cada membro de sua igreja é capaz de explicar a profecia dos 2300 anos, de maneira cristocêntrica.
- * Promova, onde for possível, encontros em praça pública motivados pelo tema “Vem, Senhor Jesus!”
- * Apresente nos Encontros J.A. biografias de pioneiros.
- * Promova, nas escolas, nos colégios e nas universidades a elaboração de monografias sobre aspectos históricos da Igreja.
- * Enfim, pense, crie, aproveite a ocasião, faça as coisas acontecerem. Parta da História e projete-se para o cumprimento da Missão Final!

Idéias erradas

SUZANA SCHULZ

Coordenadora da AFAM na Divisão
Sul-Americana

Não é mera casualidade que nossa igreja dedique especial interesse e atenção à família, durante o ano de 1994. Quando a irmã Ellen G. White contava 86 anos, lá pelos idos de 1913, recebeu a visita de um jovem obreiro a quem disse o seguinte: “Quero falar-lhe sobre a importância da obra que deve ser feita em favor dos pais que estão na igreja... A obra dos pais é o fundamento de toda outra obra... É, definitivamente, a obra mais importante que temos com o povo, e não começamos sequer a tocá-la com a ponta de nossos dedos.” – *Review and Herald*, 15/12/1966.

Cada esposa de pastor é uma mãe, ainda que não tenha filhos próprios. Se é mãe biológica, seus filhos poderão ser pequenos, adolescentes ou adultos. Porém, toda a igreja forma uma grande família à qual se deve orientar, guiar e liderar. Por essa razão, dedicaremos alguns artigos ao tema da família.

Na tarefa de educar, os pais não estão sozinhos. Lamentavelmente, Satanás também se esforça por ter parte ativa nessa obra. Uma das artimanhas que utiliza é a de colocar na mente dos pais idéias erradas que desencadearão atitudes erradas.

Quais são essas idéias erradas e que atitudes motivarão? Mencionaremos apenas duas delas, mas que, lamentavelmente, causam tremenda repercussão.

Superioridade dos pais

A errônea idéia de superioridade dos pais em relação aos filhos provoca uma atitude de autoritarismo, desejo de exercer controle, necessidade de ter sempre a razão. Imposição da vontade, luta por ven-

cer. Enfim, tudo o que possa demonstrar superioridade.

Tal atitude constitui-se um verdadeiro perigo para o pastor e sua esposa, na função da liderança que lhes toca exercer. Satanás se esforça por confundir “liderança” com “superioridade”, pois sabe que a união de ambas pode ser sumamente nefasta.

Pais e filhos são idênticos diante de Deus. Para nosso Pai, não é nem mais valioso nem mais importante o primeiro grupo. Para Ele, um pai experiente ou seu filhinho recém-nascido possuem o mesmo valor: ambos são Seus filhos, e por ambos Cristo morreu. A única diferença está na vivência maior dos pais, o que lhes confere maior experiência – mas, de todo modo, não lhes confere nem todo o conhecimento nem toda a perfeição.

Do ponto de vista funcional, os pais têm um compromisso e uma missão: acompanhar e ajudar seus filhos no processo de crescimento total, isto é, crescimento físico, intelectual, social e especialmente espiritual.

Quantas vezes damos ordens sem nenhum tipo de explicação? Quantas vezes decidimos arbitrariamente sem ter sequer um fundamento lógico? Esse tipo de comportamento é simplesmente a consequência de aceitar a idéia de superioridade. Favorecemos a obediência quando orientamos as coisas de modo que nosso filho possa analisá-las. É importante que, desde a mais tenra idade, a criança seja introduzida no mundo da “causa – efeito”. Ao ver a lógica do assunto, muito mais fácil lhe será escolher obedecer, e, por outro lado, a obra educativa terá um alcance muito maior.

Todo ser humano, com capacidades normais, deve ser tratado como um ser inteligente. Não é necessário que a criança se torne

adulta, senão que nós, adaptando-nos à sua idade, respeitemos essa capacidade que Deus lhe deu. Ao permitirmos que desde cedo veja as conseqüências das escolhas que faz, será acostumada a olhar além do instante presente ou de um simples desejo, e poderá assim ir exercitando suas capacidades para tomar boas decisões, graças às nossas sugestões.

Certamente nenhum adulto gostaria de ouvir de seu médico a seguinte declaração: "Você terá que submeter-se a uma cirurgia. Não lhe darei maiores explicações, afinal você não entende mesmo do assunto. Simplesmente prepare-se, pois em quatro horas estará na sala cirúrgica. Nós, os médicos, sabemos muito bem como e o que fazer. O resto não interessa." A maioria de nós fugiria dali em busca de outro médico que explicasse o que se passa, tanto quanto pudéssemos compreender. Alguém que apresentasse alternativas e suas conseqüências, que nos levasse em conta como parte importante na situação, e que nos orientasse na decisão final. E, acaso não merecem nossos filhos esse mesmo tratamento? É bem verdade que não estamos submetendo-os a uma cirurgia, mas estamos manipulando seu caráter, e, finalmente, sua vida eterna.

É de suma importância que desde muito cedo expliquemos a nossos filhos que, por sermos seus pais, somos responsáveis perante Deus por orientá-los e ajudá-los. Contudo, devem também saber que, apesar de termos vivido mais, estamos igualmente sujeitos a equívocos, mas nos esforçaremos para fazermos o melhor. Eles devem saber que nossos

"nãos", nossos "você deveria se esforçar", nossos "vamos analisar juntos para ver o que é mais conveniente" e tantas outras frases semelhantes, são maneiras de dizer-lhes: "Eu o amo e o respeito. Deixe-me orientá-lo aproveitando minha maior experiência". Frases assim não estão motivadas por autoritarismo ou desejo de possessão, mas por amor e senso do dever.

A relação pai-filho depende mais da atitude dos pais que da resposta do filho. Sobre uma base de igualdade diante de Deus, será mais fácil guiá-los no caminho correto, uma vez que seremos melhor compreendidos por nossos filhos. E sua resposta será mais positiva. Ao criar tal relação, automaticamente decresce o nível de rebeldia ou de atitude defensiva do filho, e todos se beneficiarão por uma relação mais transparente e respeitosa.

Perfeição dos filhos

O pensamento de que os filhos devem ser perfeitos, e que isso deve ser notado pela sociedade, é outra idéia errada que provoca nos pais uma atitude de querer sobressair, de procurar mostrar que o filho é melhor; mas acontece justamente o contrário. Isto é, tende a rechaçar o filho. Com tais atitudes perde-se de vista a verdadeira finalidade.

Essa idéia tem uma repercussão muito especial na mente do pastor e de sua esposa, pois a sociedade está acostumada a crer que

os filhos de pastores podem e devem ser modelos em tudo. Espera-se que possuam qualidades que excedam o normal, seja no aspecto intelectual, ou no comportamento e nas atitudes. E assim, tais pensamentos adquirem dimensões muito marcantes na mente do casal.

O adjetivo "perfeito" é uni-



Erto

camente atributo de Deus. Ele não nos pede que tenhamos filhos perfeitos. Somente pede que os ajudemos no sentido de chegarem a ser adultos responsáveis e fiéis filhos Seus. O Senhor não nos pede que levemos nossos filhos à perfeição, mas que os conduzamos ao Pai perfeito.

Albert Ellis, o fundador da Terapia Racional-Emotiva, disse que a frase tão conhecida e repetida em nossa sociedade – “não devo cometer erros nem fazer as coisas pela metade, porque isso é terrível” –, chega a dominar as pessoas a ponto de adoecerem. Se, ao educar nosso filho, o fazemos sob a influência dessa frase, sentiremos que qualquer erro que ele cometa é um absoluto fracasso diante da sociedade. Iremos nos sentir diminuídos e humilhados, envergonhados de nosso filho, e tenderemos a separar-nos dele e rechaçá-lo no momento em que mais necessita de nossa ajuda.

Por outro lado, segundo Ellis, essa frase destrutiva deveria ser substituída pela frase: “Fazer as coisas bem, é muito satisfatório e gratificante, porém errar é humano e podemos aprender de nossos próprios erros”. Se esta é nossa atitude, quando nosso filho errar ou fazer coisas de forma impensada, não nos sentiremos fracassados nem os abandonaremos; pelo contrário, será uma oportunidade de ouro para que ele sinta que nosso desejo é ajudá-lo. Mostraremos que o erro não é fracasso quando o aproveitamos para aprender e crescer.

Fico particularmente feliz ao pensar que nosso Pai Celestial não é autoritário nem dominador, apesar de Sua superioridade divina. Sinto-me aliviada ao saber que nunca se envergonha de nossos erros nem se separa de nós. Sinto-me segura ao saber que ainda que sejamos como “trapos de imundícia”, o Pai amante nos considera e respeita, levando em conta nossa individualidade. Mais ainda, que somos Seus filhos. Será que nossos filhos não merecem igual tratamento?

Conclusão

Margaret Mead, conhecida antropóloga cultural, realizou um estudo muito interessante. Comparou cientificamente as culturas primitivas de Samoa e Nova Guiné com as sociedades civilizadas do Ocidente, e encontrou diferenças culturais

que influenciam o desenvolvimento do indivíduo como tal. A premissa de suas observações é bem ilustrada com o princípio da continuidade. Ela viu o desenvolvimento como um processo que começa no nascimento. Pôde demonstrar que quanto mais uma cultura infundir na criança o tipo de comportamento que deverá exibir em sua idade adulta, mais contínuo e menos desorganizado será seu crescimento. Descobriu, por exemplo, que as crianças de Samoa e Nova Guiné seguiam um padrão de desenvolvimento relativamente contínuo que não apresentava mudanças bruscas entre uma idade e a seguinte.

Não se esperava que os indivíduos se comportassem ora como crianças, logo como adolescentes e, por último, como adultos. Eles não deveriam modificar ou desaprender o que haviam aprendido como crianças ao chegarem à vida adulta. Não havia mudanças bruscas ou transições de um padrão de comportamento a outro.

Em contraste, a cultura ocidental, à qual pertencemos, confere pouca responsabilidade às crianças. Elas crescem e logo devem assumir papéis drasticamente diferentes, ao passar de uma situação de “não responsabilidade” para um papel de adulto responsável. Logo o indivíduo deve deixar de ser uma criatura de comportamento submetido ao domínio de outra pessoa, para passar a ser um adulto com as responsabilidades que isso acarreta. O estudo de Mead é sumamente interessante e chega a demonstrar que nossa cultura é a responsável por fazer com que as coisas sejam encaradas de maneira a não outorgar ao adulto em potencial, ou adulto em crescimento (conforme queiramos chamar a criança, adolescente ou jovem), a possibilidade de desempenhar-se como um indivíduo capaz e inteligente.

Fica a pergunta: Não somos nós, os próprios pais, que, ao colocar-nos em um nível de superioridade, e ao educar procurando impedir que a sociedade veja erros em nossos filhos, que os estamos impedindo de se desenvolverem? Não somos nós mesmos os que entorpecemos esse “processo contínuo” a que se refere Mead?

Que Deus nos ajude a meditar sobre esse assunto e, depois, colocarmos em prática nossas melhores conclusões. Os resultados positivos não chegarão da noite para o dia, mas, com toda certeza, aparecerão.

PASTOR

Estes administradores valem mais

JAMES A. CRESS

Secretário ministerial da Associação Geral

Os benefícios do Ano do Pastor, comemorado em 1993, serão mais abrangentes e perenes, na medida em que os líderes e administradores da Igreja continuem a encorajar os pastores. Isso pode ser feito de muitas maneiras. Poderiam, por exemplo, colocar em prática as seguintes sugestões:

Orar pelos pastores

Ao orar pelos pastores, você, administrador, poderá mudar sua visão a respeito deles. Quando nós oramos por alguém, freqüentemente é nossa atitude em relação a essa pessoa que é modificada. Peça a Deus que lhe ajude a ver os pastores da maneira como Ele os vê – tais como são, na realidade, e na convicção do que eles podem ser, pelo poder do Espírito Santo.

Orar com os pastores

Aqui você ajudará os pastores a mudarem a visão que possuem a respeito de você mesmo, como administrador. Eles raramente ouvem seus nomes mencionados em oração por alguém que não seja a esposa ou um familiar. Tome tempo para orar com eles.

Respeitar os pastores

Os pastores vivem, quase as 24 horas do dia, sob um altamente estressante trabalho. Com freqüência eles tentam con-

quistar os alvos propostos, mas com limitados recursos. Muitos nem possuem os instrumentos básicos, muito menos equipamentos sofisticados como computadores ou máquinas copiadoras. Considere o muito que eles de fato realizam.

Motivar os pastores

A maior motivação é o exemplo pessoal. Se você deseja que os pastores sejam eficientes ganhadores de almas, seja-o você também. Se espera que eles sejam mais espirituais, enfatize sua própria devoção pessoal. Se deseja que os pastores administrem bem suas congregações, administre você mesmo, de maneira responsável, todos os negócios do Campo. Outrossim, motive-os através de elevadas, mas razoáveis, expectativas. Estabeleça objetivos que sejam alcançáveis, através dos quais eles sejam levados a crescer em eficiência. Então, encoraje-os na corrida para alcançar tais objetivos.

Valorizar os pastores

Os pastores são os líderes que estão na linha de frente na batalha espiritual. E o reino de Deus avançará somente na medida em que os líderes treinem os membros das igrejas. Os pastores são a chave da espiritualidade nas igrejas do seu Campo, no suprimento financeiro do orçamento do seu Campo e na conquista de almas, de acordo com os alvos do seu Campo. Valorize seu

papel na produção dos resultados esperados por sua visão administrativa.

Incluir os pastores

Envolve-os no processo de tomar decisões em seu território. Uma boa idéia é o estabelecimento de comissões pastorais de consulta. E, então, reunir-se com eles e levar em conta sua opinião sobre as decisões que causam certo impacto em suas vidas. Inclua-os também em seu círculo de amizade. Evite associar-se somente com os colegas de escritório ou superiores. Busque oportunidades para sociabilizar-se com os pastores.

Os verdadeiros administradores devem saber transmitir encorajamento e ânimo aos seus pastores.

Incluir as famílias

Um administrador de visão curta sempre se desculpa, por não convidar as famílias dos pastores para um retiro ministerial, com o argumento de que isso representa um custo elevado para os cofres do Campo. Infelizmente, cedo ou tarde, ele acabará pagando o preço de outra maneira. Quando as famílias são privadas de oportunidades para integração social e lazer, o custo acaba crescendo em despesas médicas ou quebra de relacionamentos. O planejamento de trabalho e o orçamento de um Campo devem prover tempo e recursos para integração social das famílias dos seus ministros.

Garantir a estabilidade

As realidades econômicas atuais significam que muitos lares de pastores são financeiramente instáveis. Muitas famílias de obreiros vivem com um salário muito

abaixo da média. Recuse participar ou executar qualquer plano de aumento salarial que não inclua os pastores. Trabalhe no sentido de reduzir a inquietação entre eles. Estude com carinho os casos de transferências nos quais algum membro da família terá de perder um trabalho.

Alimentar os pastores

Agenda de um concílio ou retiro pastoral deve ser rica em alimento espiritual e pobre em promoções. Resuma todo o material promocional, e que cada líder de departamento faça apresentações curtas e objetivas. O resultado será infinitamente melhor do que empregar longas e intermináveis horas promovendo conceitos rotineiros e repetidos anualmente.

Recompensar os pastores

Quando você encontrar um pastor realizando alguma coisa realmente boa, expresse sua apreciação, verbalmente e por escrito. Quando necessitar de um departamental ou de um pastor para alguma igreja grande, procure-os primeiramente entre os pastores do seu Campo. Faça-os sentirem que você está mais interessado em seu próprio time pastoral.

Ouvir os pastores

Provoque sua energia. Discuta idéias com eles – especialmente aqueles planos que causarão algum impacto em suas vidas e em suas respectivas congregações. Realize pesquisas de opinião entre eles, preservando-lhes o direito ao anonimato nas respostas ou nos tópicos mais sensíveis, para deixá-los à vontade e seguros de que serão ouvidos acuradamente.

Avaliar os pastores

Quando ocorre uma avaliação, não de modo ameaçador, ela encoraja os pastores e os ajuda a realizar as boas coisas nas quais estão empenhados e que podem ser desenvolvidas pelo seu potencial.

CONHEÇA OS NOVOS LÍDERES DA ASSOCIAÇÃO MINISTERIAL



A.F.C.

José Mascarenhas Viana
Secretário ministerial
associado



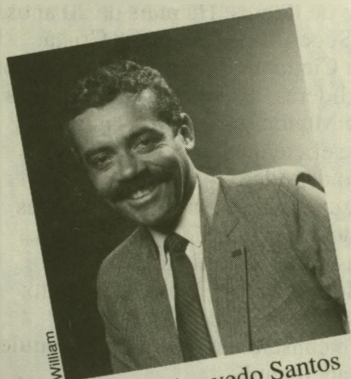
A.F.C.

Alejandro Bullón Paucar
Secretário ministerial



A.F.C.

Suzana Schulz
Coordenadora da AFAM



William

Zinaldo Azevedo Santos
Editor da revista
MINISTÉRIO

ESTA EQUIPE TRABALHA
COM MUITA DISPOSIÇÃO EM
FAVOR DO SEU CRESCIMENTO
MINISTERIAL.

CONTE COM ELA

BIBLIOTECA DO PASTOR

ORGANIZE-SE!



Sunny Schlenger e Roberta Roesch, Editora HARBRA, São Paulo; 239 páginas.

Sabendo que apenas um sistema organizacional não pode servir para todos, Sunny Schlenger, especialista em administração do

tempo, criou soluções inovadoras e personalizadas na elaboração de dez sistemas diferentes, compatíveis com dez tipos básicos de personalidade. O livro ensina como administrar o tempo e espaço de forma a ser eficiente sem precisar modificar o estilo pessoal.

Um questionário simples ajuda-o a encontrar a abordagem mais adequada a você quando o leva a descobrir se é um “perfeccionista”, “saltador”, “alérgico a detalhes”, “Zé-do-muro”, “protelador”, “tudo para fora”, “nada para fora”, “arrumador”, “guardador” ou “desleixado”.

As descrições são tão objetivas que você descobrirá seu tipo imediatamente.

ALÉM DO CONHECIDO EXISTE VIDA



Robert Leo Odom, Casa Publicadora Brasileira, Tatuí, SP; 128 páginas.

As obras do Professor Odom são conhecidas por sua clareza e explicações lúcidas de temas difíceis e complexos. Ele é capaz de levá-los a um nível de compreensão em

que os leitores, independente do grau de

instrução, possam facilmente assimilar as questões envolvidas. Sua experiência no conhecimento das línguas originais do texto bíblico não é exibida como mero conhecimento. Ao invés disso, é um instrumento posto em atividade para apresentar a mais clara e direta explanação de um assunto, que pode ser extraída dos dados disponíveis.

É assim que, nesta obra, ele expõe o interessante tema da natureza do homem: mortal ou imortal?

SEJA UM LÍDER DE VERDADE



John Haggai, Editora Betânia, Venda Nova, MG; 280 páginas.

“A igreja precisa de líderes. Não detentores de poder. Nem traficantes de influências. Nem demagogos exibicionistas, manipuladores de

multidões.” Com essas frases contundentes, é que John Haggai inicia o primeiro capítulo deste livro. O autor é especialista no treinamento de líderes. Há mais de 20 anos, o Instituto Superior de Liderança Cristã Haggai, em Cingapura, vem aprimorando os talentos de líderes dos mais diversos países do Terceiro Mundo, tornando-os mais confiantes e eficientes.

Ao longo de todo o livro ele expõe os princípios que farão do pastor, não apenas um realizador, mas, um líder de verdade: visão, metas, amor, humildade, autocontrole, comunicação, investimento, oportunidade, energia, persistência, autoridade e conscientização. Cada capítulo é uma verdadeira aula.

Prático, e ao mesmo tempo simples e profundo, este livro não deve faltar na biblioteca do pastor.